UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO" - UNESP
CAMPUS DE BAURU

BIBLIOTECA UNESP CAMPUS BAURU

CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO
"PROJETO, ARTE E SOCIEDADE"
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO PLANEJAMENTO URBANO
E REGIONAL
ASSENTAMENTOS HUMANOS

CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DO SISTEMA DE ÁREAS VERDES DE RECREAÇÃO DE BAURU

Arq. Emilia Falcão Pires

Orientador: Prof. Dr. Luis Gastão de Castro Lima

Bauru, 1998

BIBLIOTECA - UNESP
CAMPUS DE BAURU

Aos meus filhos, Irene e Peter, na tentativa
de propiciar um bom exemplo.

À minha mãe, Leonor e à memória
de meu pai, Antonio Emilio,
pelo exemplo de luta.

Agradecimentos,

Ao meu orientador, Prof. Dr. Luiz Gastão de Castro Lima, pela tranquilidade transmitida e generosidade em ajudar depois de já ter se aposentado.

Ao Prof. Dr. Rubens Carneiro Ulbanere pelo apoio e orientação iniciais.

A grande amiga Prof. Margaret Ferreira dos Santos pela contribuição fundamental com revisões e sugestões.

Ao professor Nilson Ghirardello e Norma Constantino pela gentileza em revisar partes deste trabalho.

As amigas Rita de Cássia Negreiros e Angela Ferreira de Freitas pelo incentivo e solidariedade.

Aos meus colegas Luiz Alberto Magri, Fábio Ernani Rubira, Aldrei Sales Braga e Silvio Carlos Decione pela atenção e disponibilidade.

Aos funcionários da prefeitura: Engenheiro Florestal Miguel Francisco Saez Cáceres Filho, ao Secretário do Meio Ambiente José Ricardo Grácia, ao diretor do Zoo/Bauru Luiz da Silva Pires e ao diretor de divisão Ademir Brunelli.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Índice

Resumo.....06

Abstract.....08

1. Introdução.....10

2. A história do paisagismo como referência

2.1. A introdução da vegetação no espaço público urbano.....12

2.2. O salubrismo, um novo signifficado para a vegetação.....14

2.3. O aparecimeto do parque público.....18

2.4. O sistema de parques haussmannianos.....38

2.5. O movimento dos parques americanos.....41

3. Referências usadas para análise

3.1. A metodologia de Kliass.....50

3.2. O exemplo de Barcelona.....56

3.3. A abordagem ambiental.....65

3.4. Jane Jacobs e o uso dos parques públicos.....68

4. Caracterização das áreas verdes de Bauru

4.1. A evolução urbana e a implantação de praças.....72

4.2. Distribuição, forma e dimensões das praças públicas.....75

4.2.1. Distribuição.....76

4.2.2. Forma.....80

4.2.3. Dimensões.....84

4.3. Significados e características.....85

4.4. A questão ambiental e as áreas verdes.....90

4.5. Espaços significativos.

4.5.1. Praça Rui Barbosa.....93

4.5.2. Parque das Nações/ Praça da Paz.....96

4.5.3. O Bosque da Comunidade.....101

4.5.4. Bosque do Geisel e Bosque Boa Vista.....105

4.5.5. O Jardim Zoológico/ Jardim Botânico.....107

5. Conclusão.....110

6. Bibliografia.....117

Resumo

Denomina-se sistema de áreas verdes de recreação de uma cidade o conjunto formado por parques, praças e jardins, dimensionados e distribuídos de acordo com algumas regras básicas.

Com o objetivo de subsidiar futuras intervenções no sistema de áreas verdes de recreação da cidade de Bauru, este trabalho apresenta uma análise de suas condições atuais.

Há uma diversificada gama de abordagens que podem ser feitas tendo esses espaços como objeto de estudo. Essas abordagens podem considerar desde sua articulação com outras funções urbanas até seu papel enquanto elemento de preservação ambiental. Porisso, fixamos uma perspectiva para nortear nossa pesquisa: como se desenvolvem enquanto espaços que devem principalmente ser atraentes ao uso público mesmo considerando diversas outras condicionantes.

O primeiro capítulo trata da história do paisagismo. Essa organização de conteúdo, partindo da história, tem por objetivo entender os conceitos do paisagismo contemporâneo.

No segundo capítulo são apresentadas algumas experiências concretas e a produção teórica que serviu de base para a formação de um

corpo conceitual que pudesse respaldar o objetivo do trabalho. O estudo das intervenções em outras cidades, especificamente Barcelona, se constituiu como uma rica fonte mostrando claramente a interface que o paisagismo mantém com o urbanismo, vislumbrando-se um assunto de importância para futuros trabalhos.

Com o terceiro capítulo, a intenção de efetivar o resultado procurado leva ao resgate de parte da história da cidade que se relaciona ao assunto em questão, e finalmente aborda como se caracterizam as áreas verdes hoje.

unesp

Abstract

The system of green areas for recreation in a city consists of the group formed by parks, squares and gardens, dimensioned and distributed according to some basic rules.

With the purpose of offering subsidy to future interventions in the green area system of recreation of the city of Bauru, this work presents an analysis of its present condition.

There is a diversified series of aproaches wich can be taken having these areas as the object of study. Those approaches can be considered from their articulation with the other urban functions up to their role as elements of enviromental preservation. Therefore, we have fixed a perspective to lead our research: how the areas develop as spaces wich must especially be attractive to the public use use even when considering many other condicioners.

The first chapter deals with the history of landscape architecture. This organization of contents, starting in history, has the purpuse of understanding the concepts of contemporany landscap architect.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

In the second chapter some concret experiences and the theoretical production were used as a base to form the conceptual body wich could sustain the objective of the work. The study of intervention in other cities, specifically Barcelona, constituted as a rich sourde showing clearly the interface that the landscap architecture keeps with urbanism, aiming a subject of importance for future works.

With the third chapter, the intention of producing the searched result takes it to the ransom of part of the city's history which is relates to the subject in question, and finally it takes in account how the green areas are caracterized mowadays

unesp

1. Introdução

A preocupação com o esvaziamento do espaço público tem levado os profissionais ligados as questões urbanas a indagar sobre as causas de tal situação.

As razões identificadas são basicamente três: a violência urbana, o avanço tecnológico e seus produtos inebriantes como a informática e a televisão, e as transformações culturais que acabaram por interiorizar diversas atividades coletivas.

É de entendimento comum que a questão da violência e da marginalidade passa por uma reformulação da ordem social e que depende de um engajamento político de todos, enquanto cidadãos. Já as outras duas questões são mais dificeis de reverter, ou talvez estejam ligadas também a essa primeira.

Nessa discussão está sempre implícita a importância do espaço público como expressão de uma sociedade organizada de forma mais democrática. Camillo Sitte (1992) mostra isso quando defende a centralidade da praça, onde os objetos de arte e o espaço trabalhado artísticamente deve estar acessível a todos.

Qual é a perspectiva para o futuro do espaço público nesse contexto? Toda a preocupação dos profissionais da área parece estar envolvendo essa pergunta.

unesp

É de nosso entendimento que, enquanto profissionais, cabe-nos a tarefa de entendemos o mais profundamente possível esses espaços e suas formas de uso. Neste trabalho procuramos iniciar uma caminhada nesse sentido.

Nosso objeto de estudo, dentro do universo do espaço público, são as áreas com vegetação que possuem funções recreativas pois dêtem riqueza e especificidade própria. Inicialmente, no primeiro capítulo, procuramos conhecer como ocorreu historicamente seu aparecimento na área urbana, em seguida, selecionamos trabalhos que versassem sobre as boas qualidades de parques, "praças" e jardins, ou que pretendessem fornecer um parâmetro para qualificá-las melhor. Finalmente procuramos entender como essas áreas ocorrem em Bauru já com o olhar condicionado pelas informações obtidas através dos capítulos anteriores.

Dentro do quadro de crise que envolve o uso do espaço público na atualidade a grande certeza que podemos ter enquanto profissionais é a da necessidade de uma produção de lugares com cada vez mais qualidade. É também o que a população silenciosamente exige, pois responde com desinteresse se essa solicitação não é compreendida.

unesp

2. A História do Paisagismo como Referência

2.1. A introdução da vegetação no espaço público urbano

O primeiro jardim público que se tem notícia, foi construído em 55 A.C. sob o Império Romano. Dava acesso ao Teatro de Pompéia e era adornado por estátuas e pérgolas. Organizado em diferentes planos de nível, apresentava contrastes entre áreas de luz e sombra, planos de água, além de preocupações com visuais. Temos notícias também de jardins romanos junto a ginásios, hipódromos, foros, porém todos foram destruídos em guerras e invasões. (Magnoli, 1982)

Segawa (1994) em "*Ao Amor do Público*" nos mostra o aparecimento em ambiente urbano, e com uso público, de áreas ajardinadas. Apesar do objetivo de sua pesquisa não ser um levantamento preciso da introdução da vegetação na cidade, ele nos dá muitas informações a esse respeito. Parece ter sido em Antuérpia, na Bélgica, o primeiro espaço que recebeu vegetação na Europa, pois a planta da cidade de 1569 mostra o adro de sua catedral ornamentado com árvores. Também em Antuérpia a partir de 1578 as fortificações de proteção da cidade, que eram muito largas e possuíam vias de circulação, transformaram-se em passeios agradáveis com a inserção de três linhas de árvores.

unesp

Segundo Segawa (op. cit.) foi construído no México, por ordem do 8° vice-rei da Nova Espanha, um passeio público já em 1592. Essa iniciativa reflete a propensão dos colonizadores europeus, especificamente os hispânicos, em experimentar na América as proposições do pensamento iluminista. Dessa maneira dois jardins públicos na América, entre o fim do século XVI e o começo do XVII (um no México como foi citado acima, e outro em Lima) aparecem antes que muitos congêneres europeus.

Em Londres no século XVII também aparecem passeios públicos: Moorfields (1605) foi construído em terrenos alagadiços e afastados, parques reais como Whitehall, Hampton Court, Westminster Palace, Greenwich Park e o Hyde Park (construído entre 1630 e 1640) foram abertos ao público em 1649 por determinação do parlamento. Outros jardins são arrolados como o Vauxhall Gardens e uma área arborizada usada para um jogo parecido com o cricket localizado próximo onde hoje é o St. James's Park. Esses dois espaços foram criados por volta de 1660.

Também caracterizadas como jardins no meio urbano temos as squares Londrinas. Depois do Grande Incêndio de 1666, por ocasião da reconstrução da cidade foram implantadas largamente pela iniciativa privada. Algumas já existiam antes do Grande Incêndio. O aparecimento dessa área ajardinada está ligado ao privilégio de uma parcela da população em encontrar alívio da grande concentração de edificações residenciais. Geralmente correspondem a uma quadra dentro do traçado ortogonal. Elas se mantém até hoje, a maioria continua cercada e trancada, acessíveis apenas aos vizinhos mais próximos.

Por esse período, século XVII, na Itália, aparece o hábito do corso que se constituía em passeios feitos em carruagens por avenidas densamente arborizadas. O hábito do corso se estendeu por toda a Europa.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Na França também aparecem espaços ajardinados como o Cours de la Reine, construído em 1616, o Cours Saint Antoine em 1631 e o Champs Elisées criado em 1650, todos em Paris.

Segawa compara o caráter desses novos espaços, denominados *cours, squares, boulevards, gardens, public walks, malls, parades*, com a praça medieval, a *piazza* italiana, a *praça mayor* espanhola, a *place royale* francesa e conclui que eles são espaços que se contrapõe em função das características que envolvem seus usos. "A praça , um espaço ancestral que se confunde com a origem ocidental de urbano, se caracteriza como um lugar de festa, de descontração, enquanto não podemos afirmar o mesmo do jardim e das novas áreas públicas com vegetação. Nessas novas áreas as pessoas se reuniam com o objetivo de exibir pompa, ver homens e mulheres bem vestidos e bonitos, contar e ouvir as novidades, assistir a apresentações musicais, mostrar filhas a procura de maridos, homens finos admirando e fazendo corte a cortesãs." (Segawa, 1994). Com o tempo essas características foram mudando, outros equipamentos foram sendo introduzidos e sua relação com o espaço da cidade também apresenta outras implicações como veremos no decorrer da história do paisagismo.

2.2. O salubrismo, um novo significado para a vegetação

O fato de termos dedicado aqui muita atenção a questão do salubrismo se explica pela importância que esse conceito teve na manutenção de áreas ajardinadas na Europa, principalmente em fins do século XVIII e durante o XIX, quando o acelerado crescimento urbano subtraia todo e qualquer espaço livre disponível em favor de construções.

unesp

Esse conceito foi essencial também na criação de novas áreas, como parques públicos, em razão da importância que era dada à vegetação e ao espaço aberto na cidade pela medicina sanitarista do século XIX.

Outro motivo, é que o salubrismo também se fez sentir no Brasil, entre outras situações, na urbanização das cidades do oeste paulista (sendo Bauru uma delas), onde as questões da salubridade influenciaram o traçado de muitas cidades novas e o crescimento das já existentes. A adoção do traçado ortogonal rígido foi uma das conseqüências da influência do salubrismo. Por sua vez, em Bauru, o traçado condicionou a forma de muitos espaços ajardinados como veremos mais a frente.

Podemos encontrar críticas às condições de higiene no meio urbano já nos discursos dos filósofos iluministas do século XVIII na França; em meio aos ataques à nobreza e à igreja católica eles falam da vergonha em ter na cidade de Paris "mercados públicos estabelecidos em ruas estreitas, expostas à imundícies, e propagando a infecção (...)", (Voltaire apud Salgado, 1995).

Pierre Patte, arquiteto de Luiz XV da França, discorre em sua obra *"Mémoires sur les objets les plus importants de l'Architecture"*, publicada em 1769, os procedimentos urbanísticos que considera necessários para a melhoria das condições de salubridade nas cidades: "Os oficios barulhentos ou que produzissem cheiros fortes, seriam lançados aos Fauxbourgs. O ar renovado incessantemente no seu centro e no seu entorno, tornaria a estadia nesta cidade inigualável. Os hospitais e os cemitérios relegados ao exterior não exalariam na Cidade nenhum odor vicioso. Não temeriam-se acidentes nas suas ruas devido à sua distribuição - seja de ser atropelado ou aleijado, seja de levar um banho de água suja. (...) a existência de condutos subterrâneos sob o leito do rio para o transporte das imundícies, impediria o contágio da água no seu trajeto; não

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

haveria mais infecção nas casas em função das latrinas, nem o odor danoso fruto do seu esvaziamento, não haveriam mais carroças basculantes nas ruas, sua limpeza se faria sem problemas e como por encanto, com a ajuda da água distribuída em abundância nos diferentes bairros... as fontes domésticas propiciariam aos habitantes a melhor de todas as águas. Enfim, as enchentes do rio, assim como os terremotos seriam pouco temidos, ou ao menos não produziriam efeitos muito consideráveis (...)", (Salgado, 1995). Patte não fala especificamente em áreas arborizadas ou ajardinadas, está preocupado com melhoria das condições higiênicas em geral. Mas ele fala também em embelezamento da cidade associado a questão da higiene: "Sempre que possível, seria conveniente aliar o agradável ao útil, conservando na reforma do plano de uma cidade, tudo o que é digno de sê-lo, tudo o que consiste em embelezamento particular para aliá-los, com arte, a um embelezamento total." (Salgado, 1995) As preocupações de Patte vão se transformar em medidas efetivas de grande amplitude no século XIX, com as obras haussmannianas em Paris, e aí já atribuindo aos espaços abertos com vegetação, além do efeito de embelezamento, um caráter salubrista, como elementos necessários para a renovação do ar em função da crença da existência de patologias causadas por miasmas.

Também na cidade industrial inglesa do século XIX, as condições de insalubridade se acirram, principalmente Londres que possuía já nos primeiros quarenta anos do século dois milhões de pessoas. Muitos relatos dão conta de mostrar como se apresenta essa cidade naquele momento. Um exemplo é *"A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra"*, publicado em 1845, onde Engels descreve os bairros ruins de Londres em que se concentra a classe operária: "A célebre Rockery (ninho de corvos) St. Giles fica em pleno centro da cidade, área populosa e cercada de ruas largas e bem iluminadas, freqüentadas pela alta sociedade londrina. Dessa

unesp

maneira. ao lado de Oxford Street, de Regent Street, de Trafalgar Square e do Strand, uma massa de casas de três a quatro andares, construídas sem planejamento, em ruas estreitas, sinuosas e sujas, abriga parte da população operária. Nas ruas a animação é intensa, um mercado de legumes e frutas de má qualidade se espalha, reduzindo o espaço para os passantes. O cheiro é nauseante. A cena torna-se mais espantosa no interior das moradias, nos pátios e nas ruelas transversais (...) Nas casas até os porões são usados como lugar de morar e em toda parte acumulam-se detritos e água suja (...) Nesse centro de Londres, numerosas ruelas de casas miseráveis entrecruzam-se com as ruas largas das grandes mansões e os belos parques públicos (...) (Engels apud Bresciani, 1984).

Foi esse quadro que motivou a realização da grande pesquisa dirigida por Chadwick entre 1840 e 1845, a montante de muitas outras, que confirmou a relação entre a insalubridade as más condições de habitação e uma taxa de mortalidade elevada, uma baixa esperança de vida e a doença. (Beguin, 1991)

Quase ao mesmo tempo em que se descobriu uma patologia urbana nos séculos XVIII e XIX os meios técnicos foram desenvolvidos objetivando conter as doenças. A responsabilidade pela descoberta da associação entre o meio insalubre e os males associados a ele foi da medicina sanitarista que no século XIX teve um avanço sem precedentes. Cabia agora aos técnicos garantir as transformações do ambiente.

A associação da cidade ao corpo humano onde as casas correspondiam à células, as ruas à artérias e parques e praças à pulmões (reservatórios de ar) desse organismo foi utilizada par dar ao espaço aberto com vegetação na cidade um novo signific..do: funcional e pragmático, com utilidade saneadora e higienizadora. A partir daí surgiu a noção da vegetação como elemento importante na qualidade do ambiente.

unesp

"A obra de Charles de Freycinet, *'Principes de L'assainissemente des Villes Comprenant la Description des Principaux Procédés Employés dans les Centres de Population de l'Europe Occidentale pur Protéger la Santé Publique'*, publicada em 1870, atribui às árvores uma maior importância para a dissecação do solo do que à produção de oxigênio - como defendia uma corrente científica na época. A ventilação era um processo de maior aceitação entre os salubristas, ainda crentes das teorias miasmáticas"(Segawa, 1994)

Se o lazer, a compensação para extensas áreas edificadas, o espaço para a exibição social foram algumas das justificativas para o uso da vegetação, do jardim no espaço urbano, o salubrismo apresentou-se como mais uma delas. Contrapondo-se a esse papel que o espaço ajardinado assumiu no século XIX, o paisagista francês Miguel Corajoud coloca: "o jardim não é feito para compensar as lacunas da cidade nem para, simplesmente por ele, introduzir a natureza na cidade. O jardim na cidade é um fragmento de sonho, e não um enclave necessário para trazer ar para o cidadão ."(apud Magnoli, 1996)

2.3. O aparecimento do Parque Público.

Até o século XIX a vegetação aparecia em espaços públicos relativamente reduzidos, o advento do parque público na Inglaterra do século XIX vem mudar essa característica.

O aparecimento do parque urbano está vinculado a uma série de acontecimentos que resumiremos nos próximos parágrafos.

unesp

"Em fins do século XVIII e começo do XIX a Inglaterra vivia seu momento de maior apogeu. Londres foi o mais importante centro comercial e financeiro do mundo. Essa hegemonia é em parte devida à riqueza (diversidade e quantidade) das colônias inglesas. Londres ao final do século XVIII contava com uma população de um milhão de habitantes em uma extensão de grande uniformidade de casas. É dessa época a preocupação com o surgimento e crescimento das cidades e a procura de melhoria das condições de vida, visando padrões que assegurassem melhor produtividade no trabalho" (Magnoli apud Mariano, 1992) É importante colocarmos também o papel decisivo da revolução industrial como causa para a existência desse quadro. O parque público surge nesse contexto. Entre outros motivos, como o do salubrismo que citamos anteriormente, ele vem responder às novas necessidades para equipamentos de atividades de recreação e lazer decorrente da intensa expansão urbana e dar uma alternativa ao novo ritmo introduzido pelo tempo artificial - tempo da cidade industrial - em contraposição ao tempo natural que é comum na vida da zona rural ou em pequenas cidades. (Kliass, 1993) Até sua introdução na vida urbana "as formas genuinamente novas de diversão na grande cidade eram subprodutos da taberna ou loja de bebidas, (...) em seu conjunto, a cidade, e especialmente a nova cidade industrial continuava sendo um lugar desolado, cujos poucos atrativos - espaços abertos, festas - iam gradativamente diminuindo pela febre das construções, pela fumaça que impestiava a natureza, e pela obrigatoriedade do trabalho incessante..."(Hobsbawn apud Magnoli, 1982)

Um outro aspecto do parque público é o de que ele veio amenizar de modo mais efetivo, pois as praças já o faziam em menor escala, as grandes massas edificadas. Nesse sentido o parque constitui-se em um refúgio às condições adversas da cidade pois em função de suas dimensões

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

perdemos a sensação que a grande cidade, barulhenta e poluída, está a nossa volta. É um espaço de evasão.

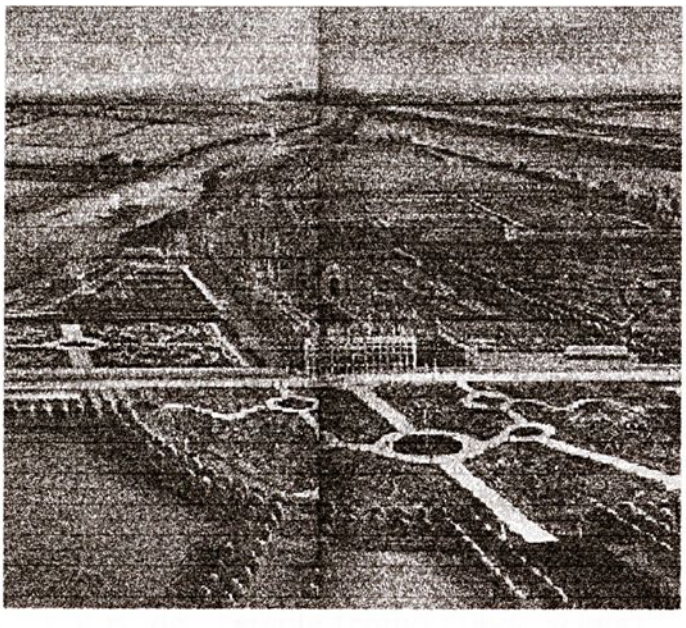
Para que se chegasse a criação desse espaço o pensamento ocidental sobre a natureza passou por grandes mudanças. "Era usual, no imaginário seiscentista e setecentista, que o progresso da humanidade pressupusesse o domínio das florestas, 'lar de animais e não de homens'. Refúgio de seres selvagens e perigosos, a mata representava um obstáculo ao desenvolvimento humano (...) Porém nos séculos XVII e XVIII, manifestações de apreço com a natureza e a paisagem afloravam com maior intensidade. Na Inglaterra, hinos de louvação a Deus e à natureza compuseram o cotidiano do ritual anglicano, assim como a poesia religiosa ocupava-se da temática da criação, inspirando também a poesia profana (...)" (Segawa, 1994). "No final do século 17, a difusão da mística da natureza entre os teólogos e filósofos veio de par com a convicção de uma minoria cada vez mais ampla, de que as montanhas davam prazer porque ofereciam o ar mais puro e as melhores vistas. (...) No correr do século 18 a paixão pelo cenário montanhoso tomou conta do público que gostava de viajar, e em fins do século 18, o apreço pela natureza, e particularmente pela natureza selvagem, se convertera numa espécie de ato religioso. A natureza não era só bela, era moralmente benéfica" (Thomas apud Segawa, 1994)

O advento do parque público no ocidente se deve, não só as condições adversas da cidade industrial e a mudança quanto ao conceito que se tinha sobre a natureza, como foi descrito acima, mas também a qualidade na elaboração desse espaço, ou seja ao desenho.

A estética que predominava nos jardins da Inglaterra até o aparecimento do chamado "jardim naturalista" era a do jardim renascentista e, a partir do século XVII, o jardim barroco de origem

unesp

francesa. Quem o trouxe para a Inglaterra, empreendendo-o em muitos parques reais foi Carlos II, influenciado pelas correntes barrocas que conheceu em seu exílio. Andrés e Gabriel Mollet, filhos de Cláudio, mestre de Le Nôtre, se estabeleceram de 1661 a 1666 trabalhando como jardineiros para Carlos II. Neste período o rei ordena os jardins de Withehall, Hampton Court, St. James's e Greenwich (este com o próprio desenho de Carlos II), (Valenzuela, 1995). Como foi colocado anteriormente estes parques chegaram a ser abertos ao público no século XVII, mas não eram acessíveis pois se localizavam nos arredores de Londres, com excessão do S. James's e o Greewich que provavelmente não se adequavam ao uso de pedestres.



Hampton Court, Londres. (Fonte Valenzuela, 1995)

A origem do desenho do chamado "jardim inglês" é marcado, segundo Pevsner (1983), por um tratado denominado "Gardens of Epicurus" escrito por William Temple, em 1685, onde Temple exalta o jardim que conhece em uma viagem a China; nele a irregularidade do traçado dos caminhos é descrita com o termo *sharawadgi* (desordem irregular e elegante). A configuração desse jardim é desenvolvida na China a partir de um sentimento contemplativo da natureza, enquanto ordenamento simbólico e estético, cuja melhor interpretação poderia dá-la hoje, talvez, a essência da filosofia Zen. (Buttlar, 1993)

O tratado de Temple encontrou campo fértil, um pouco mais tarde, no começo do século XVIII, coincidindo com o florescimento do liberalismo na Inglaterra onde o livre crescimento da árvore passa a ser interpretado como símbolo do livre desenvolvimento do indivíduo, o caminho serpenteante como a liberdade inglesa de pensamento, de crenças e de ações, e a adesão à natureza no terreno comparada a adesão da natureza na ética e na política. (Pevsner, 1983) Estéticamente corresponde a uma imagem ideal de natureza, que decompunha o espaço do jardim em uma série de vistas tridimensionais. (Buttlar, op. cit,)

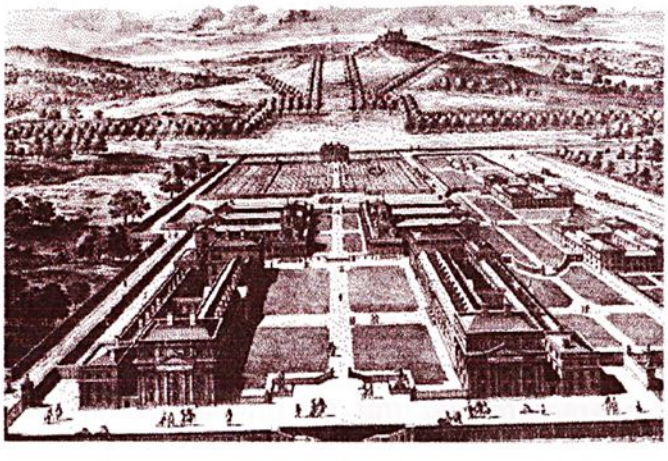
Sobre o tratado de Temple, Pevsner comenta: "Este texto é um dos mais espantosos no idioma inglês. Iniciou uma diretriz de pensamento e concepções visuais que dominaram primeiro a Inglaterra e depois o mundo durante séculos."

Antes de se constituir concretamente o jardim inglês tem suas bases estabelecidas em escritos: de Temple (como vimos acima), do conde de Shaftesbury e de Addison que clamavam pelo jardim naturalista citando sempre o jardim chinês como modelo perfeito. "O jardim naturalista foi concebido na Inglaterra entre 1710 e 1730, por filósofos, escritores e virtuosos, não por arquitetos e jardineiros" (Pevsner, 1983). É

unesp

conseqüência desse fato que o primeiro jardim naturalista seja de propriedade de um poeta: Alexander Pope que constroi Twickenham, uma "villa" nos arredores de Londres.

Uma série de motivos são descritos como causa da rejeição que os ingleses passaram a ter pelo jardim francês. Um deles coloca a incompatibilidade entre o desenho do jardim formal francês – que pedia terrenos planos (em função da perspectiva axial) – e a topografia mais irregular da Inglaterra. Na verdade, mesmo em Versailles, temos notícias de gastos fabulosos em terraplanagem para adequar o sítio a linguagem formal da obra máxima de Le Nôtre. Outro motivo, que ia contra o espírito dos ingleses que eram liberais, consistia em que os jardins de Versailles se ligavam a imagem do absolutismo francês, ou seja, eram a expressão da dominação do homem sobre a natureza num Estado onde o homem - Rei Sol - dominava outros homens.



Em Greewich vê-se a inadequação do desenho do jardim francês à topografia do sítio na Inglaterra.
(Fonte: Valenzuela, 1995)

No desenho do jardim francês tudo se estrutura a partir do edifício principal. O eixo central parte desse edifício e apropria-se do horizonte, no

caso de Versailles 3,5 Km à frente. Nos canteiros há o predomínio de formas geométricas e não existe grande variedade de vegetação, que é mantida pela poda topiária. Outras características são a simetria, a arborização em aléias e o uso da água em superfícies planas e em canais.

Em contraposição a esse desenho é que surge o jardim naturalista, elaborado em propriedades privadas inicialmente por amadores e mais a frente por profissionais que farão parte de uma escola denominada "Landscape Gardening School". "A participação da 'Landscape Gardening School' muito vinculada à evolução da sociedade inglesa, foi contínua e constante. Como movimento de reforma do desenho de parques de grande

foi preponderantemente elaborado pelos 'Landscape Gardeners' e suas 'escolas' em uma somatória de fundamentos que iam se aperfeiçoando."(Mariano, 1994)

Um dos mais importantes fundamentos desenvolvidos pelos Landscape Gardeners se refere ao pinturesco que se insinua já nos primeiros anos do jardim inglês (com Kent como veremos a baixo) e acaba por caracterizá-lo, por volta do fim do século XVIII. O pinturesco tem como precursores os pintores de paisagens que surgiram por volta dos anos quinhentos nos Países Baixos e foram se difundindo pela Europa nos séculos seguintes. (Gombrich, 1985)

A idéia sobre o desenho de um jardim mais natural usou como instrumento intermediário as obras de pintores paisagistas do século XVII como Claude Lorrain (francês radicado na Itália), Nicolas Poissin e Salvador Rosa que retratavam a natureza em seus quadros e gravuras. Essas pinturas não eram cópias da realidade, e sim composições executadas com elementos selecionados e dispostos enfaticamente, como montanhas, rios, prados bucólicos, castelos e monumentos em ruínas,

unesp

lagos e árvores agitadas pelo vento. Muitas delas incluíam templos clássicos e grupos de figuras alegóricas. (Laurie, 1983)

William Kent (1684 - 1748), teve como primeiras cenas de jardim "composições de acordo com as regras da pintura paisagista, com massas, espaços intermediários, cor, luz e sombras. (...) Kent é considerado o primeiro imitador das amplas pinturas de paisagens de Claude Lorrain prognosticando assim com grande antecedência a evolução posterior. Kent abandonou sem dúvida, definitivamente os instrumentos de um tratamento formal do terreno, a prumada e o cordel, e seus esforços mostram que a eliminação das idéias espaciais formais e a distribuição de massas, luz e sombras, segundo as normas de uma superfície figurativa bidimensional, supunha ainda maiores dificuldades. Assim, os maciços de árvores utilizados pela primeira vez em Holkham (cerca de 1732) estão repartidos com excessiva regularidade..."(Buttlar, 1993).

Em um de seus jardins, Stowe em Buckinghamshire, Kent modelou o terreno em colinas suaves e naturais e uniu as duas vertentes do vale com duas pontes em formas de grutas separando o conjunto do mundo exterior com uma plantação de árvores formando um cinturão. Nas margens do rio Estígia, construiu vários templos que se refletiam na água. O Templo da Vaidade, que já existia, foi substituído por Kent por uma ruína destinada a mostrar a corrupção da época sob a denominação de Templo da Nova virtude. Havia outros templos com estátuas do rei Guilherme III de Orange, da rainha Isabel expoente de protestantismo, dos filósofos Francis Bacon e John Loock, de William Shakespeare e Isaac Newton entre outros.

Em Stourhead (Wiltshire), executado a partir de 1741 e considerado um dos jardins mais bonitos da Inglaterra, Kent também empregou os recursos da pintura. O quadro evocado é o famoso "Êneas em Delos" de

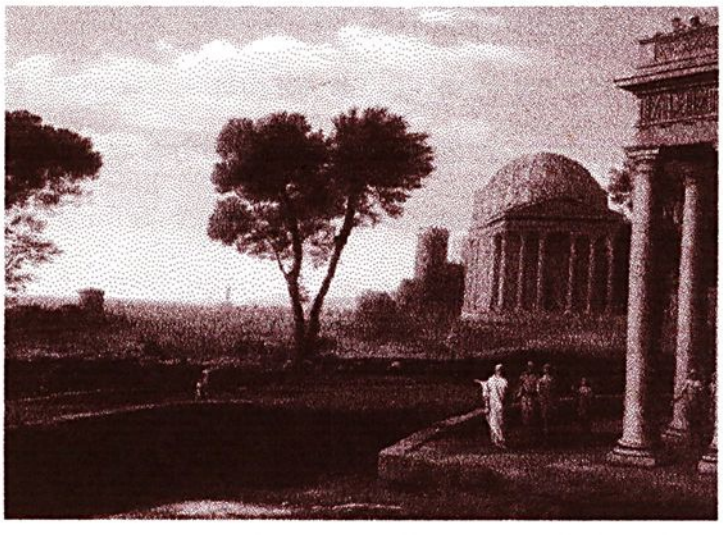
cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

1672 pintado por Claude Lorrain. As cenas do parque estão agrupadas em torno de um lago, estando o caminho traçado em volta dele, de modo que, dando-se voltas em suas margens, a cada intervalo se apresenta uma nova visual das imagens do parque. "A partir da aldeia, a vista passa por cima de uma elegante ponte paladiana de pedra para cair sobre a extensa superficie do lago emoldurada a direita e a esquerda por colinas e grupos de árvores pitorescamente mesclados."(Buttlar, 1993) As construções, como o Templo de Apolo, o Templo de Flora e o Panteon são cuidadosamente colocadas, pensadas para produzir efeito a distância. A fachada frontal do Panteon, por exemplo, do modo como está organizada é um exemplo típico da arquitetura monumental cênica usada nos jardins dessa fase. (Buttlar, op. cit.)

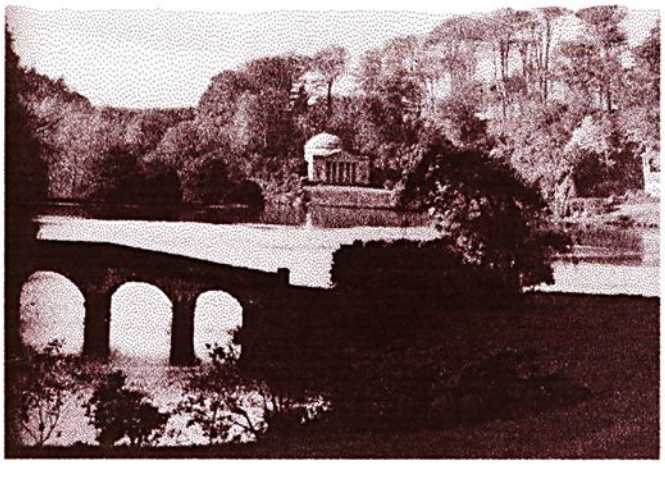
Se a unidade espaço-temporal do jardim barroco, com sua ornamentação simétrica, construída, foi substituída no jardim inglês por uma unidade sem espaço nem tempo, de caráter unicamente ideal e sensitivo, ao tempo de Kent as emoções eram provocadas, pois se não eram claramente definidas pelos edificios ou monumentos, eram induzidas através de pontos de perspectivas interessantes que eram marcadas com bancos ou placas com inscrições em verso de poetas, em sua maioria gregos e romanos, que evocavam o estado de ânimo desejado em cada cena. (O dono da propriedade se contrariava quando o visitante realizava seu passeio em direção equivocada) Havia o especialista em cenografias que era encarregado de séries de ruínas góticas, outras de castelos medievais e mais comumente de templos gregos. Mas por volta do meio do século XVIII, esse jardim, que havia sido expressão de uma vanguarda passou a ser um bem comum. Uma conseqüência da nova moda foi que o significado das imagens do jardim perdera cada vez mais terreno ante os efeitos sensoriais e estéticos que simplesmente a natureza proporcionava.

unesp

A imagem do jardim, que se libertava das idéias literárias e políticas, acabaria por se converter de acordo com a nova estética sensualista como o suporte imediato do emotivo.



"Êneas em Delos" de Claude Lorrain (Fonte: Buttlar, 1993)

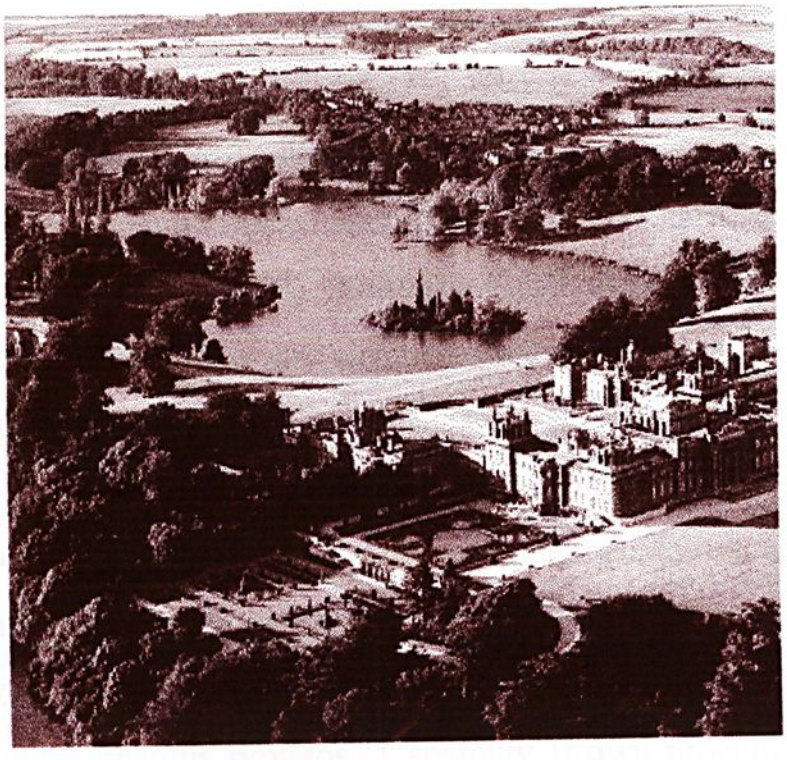


Stourhead em Wiltshire, parque de Kent (Fonte Jellicoe, 1995)

A eliminação dos vínculos associativos entre a imagem do jardim e o significado da imagem, baseado na educação e no conhecimento, se

reflete na estética do sensualismo tal como foi formulada sobretudo pelo filósofo e político Edmund Burke (1730-1797) em sua obra *"Investigação Acerca da Origem de Nossas Idéias do Sublime e do Belo"* (Buttlar, 1993) Burke proporcionava com esta obra os fundamentos de uma nova estética dos sentimentos que se liberou da razão e preparou o caminho do romantismo. Segundo Burke, os objetos sensíveis a percepção, que provocam de maneira imediata no observador sentimentos e emoções, podem ser reduzidos a dois instintos primários, um é estimulado pelo belo, o outro, pelo sublime. Entre os traços característicos do belo se encontra tudo o que seja arredondado, fluído, liso, imperceptivelmente graduado quanto a sua forma e cor, entre os traços do sublime estão o supradimensionado, o variado, o surpreendente, o obscuro, o caótico." (Buttlar, 1993) Estas categorias tiveram um amplo efeito no paisagismo, sobre tudo nos paisagistas Lancelot Brown (1716-1783) e sir William Chambers (1723-1796) duas personalidades contrapostas. Enquanto as paisagens de Brown cumpriam com os critérios burkeanos do conceito do belo – Chambers partiu para a idéia do sublime. Mas ambos tinham em comum seu empenho por produzir efeitos sensíveis imediatos por meio de imagens do jardim.

unesp



Paisagem de Capability Brown (Fonte: Buttlar, 1993)

Brown se guiava menos pela pintura de paisagens clássicas e idealistas e pela pintura bucólica do que por um sistema de elementos naturais que variava de acordo com cada um dos terrenos organizados. Recebeu o apelido de "Capability" por partir sempre das "capabilities", das possibilidades naturais do terreno. São características de seu estilo as amplas extensões de prados em terrenos suavemente ondulados, os já mencionados maciços de árvores em vez de árvores solitárias que não poderiam se harmonizar com a grande escala, ao contrario do cinturão de bosques circundantes com um passeio interno a ele de onde se abriam algumas poucas perspectivas escolhidas em setores da paisagem que valeriam a pena. Também trabalhava como arquiteto, sendo muito sóbrio com as arquiteturas de jardim. Tudo deveria manter o caráter de paisagem natural. Os prados abertos chegam diretamente até a casa senhorial, acessando-a por espaçosas vias de aproximação ligeiramente curvadas que não se aproximam frontalmente à porta de entrada como as avenidas

tradicionais, e sim de maneira tangencial. Em nenhum dos terrenos preparados por Brown podia faltar o lago recurvado (serpentine) com linhas da margem do rio suavemente onduladas e sem vegetação.

A idéia chave de Brown era a de melhorar. Se importava menos em criar uma série de imagens de jardim significativas que colocar no jardim seu ideal de organização dos elementos naturais. Parque e paisagem se compenetrarão mais que nunca. O alcance de sua obra criativa e sua ampla clientela são o indício de como com seu estilo, próximo ao natural, e atento apenas a beleza, despolitizou em grande medida o jardim e o elevou a categoria de forma organizativa reconhecida de maneira geral e qualificada, portanto clássica. De acordo com Mariano (1994) pelas características de seus projetos "Capability Brown procurava o desenho dos espaços públicos para uso da população"

Por volta das décadas de 1770 e 1780, apareciam nos jardins cenografias decorativas, influência do Romantismo e do trabalho de Chambers. A ruina passou a ser em particular o centro das zonas melancólicas do jardim. Incorporaram-se inclusive ruínas autênticas. Segundo uma tradição teórica que tinha eco no período romântico, o gótico era entendido como imitação do natural. Capelas rústicas e pequenas construções similares também foram usadas. As capelas eram usadas como elementos de cenografia e eram complementadas com ataúdes e caveiras que deveriam provocar um estremecimento aos sentidos como fora proposto por Chambers.

Uma outra fase da evolução do jardim inglês esta na valorização da idéia puramente estética do jardim através do conceito do "pinturesco" O conceito do pinturesco (pictórico - no sentido lato) começou a se separar do significado de pictorial (representativo), mas não chegou a ser uma idéia chave e popular do debate estético até os últimos anos da década de

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

1780 e a década de 1790 com a aparição de diversos ensaios de William Gilpin, de sir Uverdale Price e Richard Payne Knight assim como os manuais do paisagista Humphry Repton. Para Repton, que adotou uma postura moderada, o pinturesco era só um valor limitado para orientar o paisagismo.

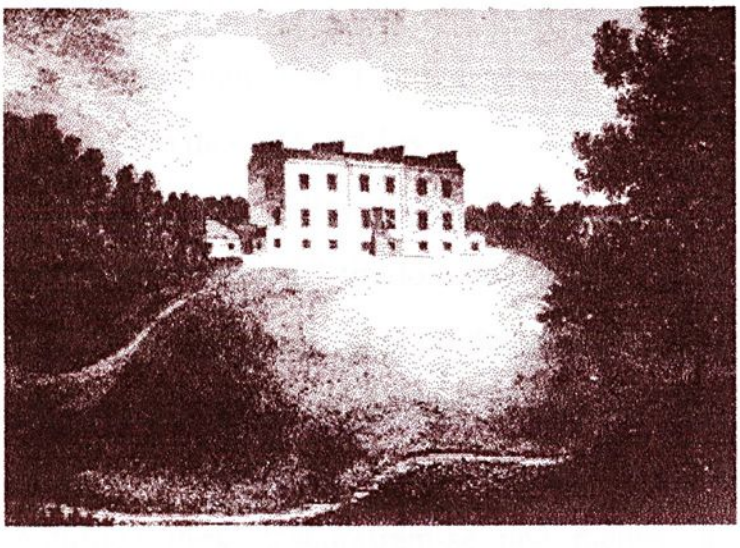
A idéia do pinturesco consistia em reconhecer num jardim criado, ou numa paisagem natural as belezas alcançadas pelos pintores paisagistas em seus quadros. Segawa (1994) coloca que a "expressão máxima dessa atitude está contemplada nas obras de Nicolau Poussin (1594-1665) e sobretudo nas obras de Claude Lorrain (1600-1682), artista da 'paisagem ideal', –paisagens espirituais com alusões e alegorias da mitologia antiga e da poesia épica, animadas com construções, ruínas e vigorosa presença da natureza." Segundo Gombrich (1988) o pinturesco tem a seguinte origem: "Foi Claude Lorrain quem primeiro abriu os olhos das pessoas para a beleza sublime da natureza e por quase um século após a sua morte os viajantes costumavam julgar um trecho da paisagem real de acordo com os padrões por ele fixados em suas telas. Se o cenário natural lhes recordava as visões do artista, consideravam-no adorável e aí se instalavam para seus piqueniques. Os ingleses ricos foram ainda mais longe e se decidiram modelar os trechos da natureza que consideravam seus, os jardins em suas propriedades, de acordo com os sonhos de beleza de Lorrain. A uma paisagem ou um jardim que os fazia pensar em Claude chamavam 'pinturesco' - idêntico a uma pintura."

No desenvolvimento dessa idéia 'pinturesco' passou a significar um sistema estético de regras de composição e valores formais e cromáticos, ou seja, as qualidades fisicas da natureza a respeito da luz, das sombras, o movimento, o contorno, a textura e o colorido em relação ao pictoricamente estimulante, a margem de qualquer conteúdo, associação e

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

emoção. Com ele se introduzia em primeiro lugar uma categoria livre de valorações para aquelas qualidades que não se encaixavam no esquema burkeano do belo e do sublime. Price cita como alguns desses estímulos interessantes a aspereza, a irritação, a irregularidade, a variedade a deformação, absurdo, a falta de luz, mesclando desordenadamente qualidades objetivas formais com modos de apreciação subjetiva por parte do observador.

Humphry Repton (1752-1818), uma das últimas grandes figuras da escola paisagista inglesa, aceitou a teoria do pinturesco mas reduziu-a a um método de trabalho prático. Em seus "Red Books" desenvolveu o método para tornar atrativos seus projetos apresentando-os por meio de panoramas que mostravam o estado antes e depois da restruturação. Estas comparações permitem observar claramente a ruptura dos perfis suaves do terreno por meio de formações angulosas, a substituição de maciços estáticos de árvores por uma disseminação de plantações isoladas mas variadas e a transformação das superfícies de água de ondas plácidas em águas correntes e braços de rios que formam "pitorescas" ramificações.



Uma paisagem ao estilo de Capability Brown....



e a visão pinturesca da mesma paisagem ao estilo de Repton
(Fonte Buttlar, 1993)

Na zona imediatamente próxima da casa voltaram a se introduzir terraços e elementos simétricos formais que haveriam de relacionar-se novamente com o edifício, tanto que se dava ao jardim um caráter de transição até a natureza livre. As flores e os arbustos de cores vistosas (incluindo rododendron) aparecem mais freqüentemente e são um indício de bem estar e civilização. (Chambers havia sido o primeiro a compor um jardim floral geométrico em Kew Gardens.)

Teve também especial importância a criação de jardins formais separados que se intercalariam em um jardim naturalista de modo que este teria unicamente a função de emoldurá-los.

Em seu desenho para Valley Field, Repton recorre inclusive a elementos barrocos como um canal tirado a cordel e pérgolas de madeira ou ferro. Em Woburn Abbey - residência do duque de Bedford, havia uma imitação de jardim renascentista, um jardim infantil, um jardim botânico, várias estufas com jardins florais, um jardim chinês e outro americano. No projeto para Ashridge Park descobriram-se não menos de 15 jardins independentes. Este processo de atomização, que punha em risco a

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

unidade do jardim, passou por influência de Repton ao paisagismo continental (dos outros países da Europa) do século XIX com a denominação de "estilo misto" ou "gardenesque".

Usamos parte da obra de Adrian Buttlar *"Jardines del Clasicismo y el Romanticismo"* para detalharmos um pouco mais o jardim inglês e entendermos como seu desenho veio a influenciar o parque público. De acordo com Newton (apud Mariano, 1992) o movimento de reforma, ocorrido entre o final do século XVIII e início do século XIX, defendia a necessidade da abertura desses espaços à população, além do projeto e implantação de novos parques à similaridade dos projetos da Landscape Gardening School, (da qual Kent, Brown, Chambers e Repton são expoentes)

"As teorias que dominavam no século XVIII o desenho da paisagem se baseavam no naturalismo, no romantismo e no pinturesco que se converteu na antítese da atmosfera que se respirava nas cidade do século XIX. Os parques que se desenharam ofereciam todos os elementos que se pode esperar: passeios e caminhos sinuosos, lugares cheios de rusticidade, lagos de formas irregulares e maciços de vegetação a exemplo da própria natureza. Na realidade o parque público passou a ser o único lugar de suficiente extensão aonde se podia reproduzir um jardim como 'imitação' da natureza, e segundo esta a distribuição espacial era similar a de grandes propriedades, introduzindo-se instalações adequadas para receber grande afluxo de população." (Laurie, 1983)

Assim o desenho aplicado às propriedades privadas, e que sofreu adequações por mais de um século estava pronto, a exceção de algumas instalações, para ser apropriado pelo uso público. Reforçando esse raciocínio Magnoli (1982) coloca que Repton têm como característica básica do seu desenho, o uso do espaço.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Os primeiros parques públicos surgiram na Alemanha (em Munique), no século XVIII, junto a antigas fortificações em desuso (Chadwick, 1964), porém são os parques ingleses do século XIX "a que primeiramente se associou o caráter público com a abertura à população de parques e jardins de propriedade da Coroa Britânica, além de novos parques projetados com critérios baseados no movimento da 'English Landscape Gardening School' ..." (Mariano, 1994)

O primeiro a ser aberto foi o St. James's Park, em Londres, em 1828 tendo sido desenhado para se adequar ao uso de pedestres. O projeto foi elaborado por John Nash, que tinha grande influência de Repton com quem trabalhou por alguns anos.

Durante o século XIX a visão de Repton sobre o pinturesco influênciou vários paisagistas que a levaram ao domínio público através de muitos parques, não só na Inglaterra mas também em outros países da Europa e nos E.U.A. Exemplos importante são o St. James's Park, como foi colocado acima, e o Regent's Park (parcialmente aberto em 1836) projetados por Nash em Londres, o Birkenhead Park, em Liverpool desenhado por Paxton, os parques de Paris, alguns criados outros redesenhados por Alphan, e a grande quantidade de parques americanos criados por Olmsted e Vaux nos E.U.A.

Em termos de áreas ajardinadas abertas à população, Londres foi pioneira, mas houve na Inglaterra uma outra medida efetiva no sentido de assegurar parques públicos à população urbana que foi tomada pelo parlamento inglês entre 1833 e 1843 quando promulgou vários decretos destinados a melhorar a situação dos trabalhadores. A medida concedia a aplicação de uma parte dos impostos para empreendimentos de melhorias gerais, sistemas de abastecimento de água, saneamento de esgotos e a criação de parques públicos. O primeiro parque originado dessa medida foi

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Birkenhead na cidade de Liverpool em 1948.(Laurie, 1993) O empreendimento tinha as mesmas características do Regent´s Park, foi promovido pela iniciativa privada com um projeto de parque público para o desfrute da comunidade e áreas edificadas no seu entorno que serviriam para amortizar os custos de implantação. A grande diferença do Birkenhead, e por isso ele é considerado por muitos como verdadeiramente o primeiro parque público, é a conquista da obrigatoriedade da sua manutenção ser feita pelo poder civil local.

Apesar de Londres ser, já nessa época, reconhecida por possuir enormes áreas verdes no coração da cidade havia o grave problema de que esses espaços concentravam-se todos a oeste do Rio Tâmisa, nas áreas mais nobres da cidade, onde também já existiam as squares e outros jardins. Por volta de meados do século XIX começaram a haver mobilizações populares pela construção de parques em partes ainda não beneficiadas por estes na cidade, como o leste e o sul. O que provavelmente motivou essas reivindicações foi a divulgação das pesquisas de Edwin Chadwick. "As pessoas começaram a se aperceber de que viviam em um lixão, uma constatação que em muitos casos não era exagero, mas literalmente verdade, e então passaram a procurar maneiras de alterar esta condição. Edwin Chadwick apontou alguns destes caminhos, e embora estivesse preocupado com outros aspectos em suas pesquisas, ele reconheceu o valor dos passeios públicos e dos parques." (Chadwick, 1966)

Em 1840 uma petição com 30.000 assinaturas solicitava à coroa um novo parque no lado leste da cidade. O resultado desta mobilização foi a construção do proposto parque do eastern a ser denominado Victoria Park" (Chadwick, 1966)

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Há autores que consideram o Victoria Park o primeiro parque público da Inglaterra em função da sua localização e da iniciativa popular em reivindica-lo.

Segundo Chadwick: "a compra da terra para o novo parque levou algum tempo e apenas em 1844 foram iniciados os trabalhos. O parque foi aberto em 1845 com as obras ainda em andamento ..." Em 1846 se registrou a visita de mais de 20.000 pessoas ao inacabado parque em apenas um dia em busca de recreação.

O Battersea Park veio depois do Victoria Park também em Londres. Fica ao sul do Tâmisa, numa área que já era usada para recreação pela população. Ali fica o Vauxhall Gardens que foi uma das primeiras áreas verdes abertas ao público em Londres (no século XVII). "Battersea Fields era um local notório e popular para veraneio com áreas para lazer junto a Red House e Ballon Public com feiras dominicais e jogos; corridas tanto de cavalos como de pedestres, barcos, teatros, atores cômicos, dançarinos, videntes, etc. (...) Em julho de 1845 foi elaborado um relatório sobre o estabelecimento de um novo parque real em Battersea que apontava as vantagens financeiras de combinar o parque com o aterro da costa norte do Tâmisa e a construção de uma ponte que tornaria o acesso mais fácil." (Chadwick, op. cit.)

Tanto o Victoria Park como o Battersea previam a construção de áreas residenciais junto aos parques com o objetivo de amortizar os custos de implantação.

Independente da discussão de qual foi o primeiro parque público, ele é considerado como a maior contribuição urbanística inglesa do século XIX e está relacionado ao adiantado desenvolvimento do urbanismo inglês. (Mariano, 1992)

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

2.4. O sistema de parques Haussmannianos

Se a Inglaterra foi pioneira abrindo os primeiros parques especificamente elaborados para uso público na primeira metade do século XIX, a França também teve um papel relevante mas já na segunda metade do mesmo século. Na reforma implementada por Haussmann em Paris entre 1853 e 1869 o plano unificado ou plano global tinha os seguintes propósitos: melhorar a circulação no geral e principalmente o acesso dos palácios e vias para todas as partes da cidade em momentos de emergência[1], melhorar a saúde pública limpando becos e introduzindo luz e ar; melhorar a aparência da cidade e oferecer novos pontos interessantes além de expor melhor aqueles existentes. O objetivo de Haussmann além de medidas que melhoravam a circulação e o saneamento, era criar parques e jardins ligados por boulevars.

De acordo com Chadwick, Haussmann criou o primeiro sistema de espaços livres e parques urbanos, ligando parques de diversas escalas, além de praças, através de vias de circulação arborizadas. A importância que Haussmann deu a essa parte do trabalho é mostrado pelo pessoal técnico que executou esta tarefa: o Service de Promenade e Plantations sob supervisão do engenheiro paisagista Jean Alphonse Alphand.

Segundo Joest (1994) no que diz respeito aos parques públicos, Paris suplantou Londres na segunda metade do século XIX.

O primeiro ato da transformação de Paris num "teatro de áreas verdes" começou a oeste nas Toulleries ao longo do eixo construído para criar uma perspectiva monumental atravessando o Arco do Triunfo e

[1] O motivo que levou a essa preocupação foi a construção de barricadas antes, durante e logo depois da Revolução Francesa impedindo o exército de se movimentar em muitos bairros de Paris. Sobre essa questão ver Vidler 1981.

unesp

seguindo pelos Champs Eliseés (que também foi remodelado) até o o Bois de Bologne (que já havia sofrido uma reforma em 1852 para adequar-se ao traçado do jardim inglês). Napoleão III estava pessoalmente interessado nessa reforma por ver no Bois um rival para o Hyde Park que havia conhecido enquanto esteve na Inglaterra como refugiado. O objetivo era torná-lo um lugar de recreação para o mundo elegante.

Com o Bois de Vincenes o intuito foi proporcionar um lugar nobre para a classe trabalhadora. (Joest, op. cit.) Os trabalhos foram iniciados em 1858 e em 1860 estava aberto.

Outros três parques foram oferecidos a população: o Monceau, reformado em 1861, o Monsouris e o Buttes - Chamount, que havia sido uma mina de calcário e é tido como o mais interessante entre todos. No Buttes - Chamount a argila do solo era intratável e havia rochas altas remanescentes de escavações profundas. "Alphand usou habilidosamente a área do chão rachado para criar um lago como figura central circulando uma proeminência rochosa de uns 150 pés acima da água, coroado por uma rotunda circular ..."(Chadwick, 1966) O Pinturesco foi explorado tragicamente: o lago reflete a rotunda e uma ponte suspensa na rocha nua. (Joest, 1991)

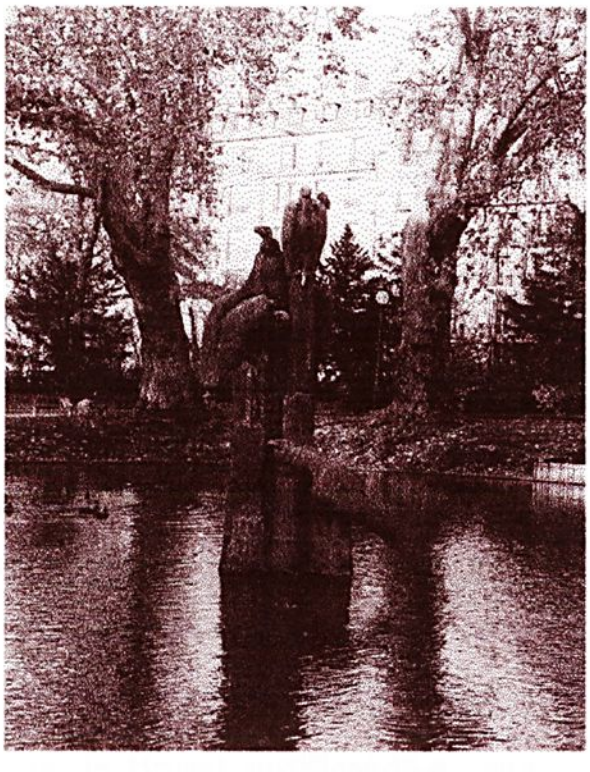
Terminado o lay- out das grandes áreas verdes foi elaborado um plano de vinte e quatro praças nas áreas residenciais. Essas praças são tidas como um exemplo dos "beneficios do patrocínio" de Napoleão III à população de Paris (Joest, 1994). Durante sua temporada em Londres o imperador ficou horrorizado com o contraste entre as squares e as sórdidas condições dos "slums" onde moravam as famílias de trabalhadores, e instruiu Haussmann a avaliar as possibilidades de construir muitas praças. Praças de relaxamento para todas as famílias e para todas as crianças, ricas ou pobres. Essas praças foram embelezadas

unesp

com pontes, fontes, caminhos e destinavam-se a levar ar puro para diferentes partes de Paris. Algumas haviam sido construídas no passado para abrigar monumentos como a Chapele Spiatori consagrada a Luiz XVI e a Maria Antonieta, outras eram miniaturas de parques.

Chadwick (op. cit.) coloca que a relação da maioria dos parques de Paris dessa época, com os parques de Londres era confessada e óbvia. Abrindo-se parques para uso público talvez fosse natural que se olhasse para aqueles exemplos que podiam ser vistos.

Quase que paralelamente à implementação do sistema de parques francês, que teve muita repercussão na Europa e Américas, aconteceu o Movimento de Parques Americanos.



Praça de Paris desenhada por Alphan (Fonte: Mosser, Monique and Teyssot, Georges. 1991)

2.5. O Movimento dos Parques Americanos

Para o paisagismo, o Movimento dos Parques Americanos foi fundamental pois definiu novos equipamentos, criou uma diversidade de escalas, e principalmente deu as áreas verdes uma nova dimensão quanto ao seu papel na estruturação de uma cidade. É responsável também pelo reconhecimento da necessidade de uma abordagem das questões ambientais. O conceito que temos hoje do que é paisagismo, foi extremamente influenciado pela história dos parques americanos. Frederick Law Olmsted, a figura mais representativa desse movimento, "teve grande influência no desenho das cidades americanas com a inserção de parques na estrutura urbana através da utilização do seu potencial paisagístico (...) Exemplos dessa intervenção são percebidos nas cidades de Nova York, Chicago e Boston, onde sua contribuição ultrapassou a dimensão do projeto do parque. Nesta cidade, chegou a estabelecer um sistema de áreas verdes integradas por avenidas-parques preservando vales e beira- rios (...)"(Kliass, 1993).

O Central Park o primeiro parque público na América é um dos símbolos do movimento. A defesa da necessidade de um parque em Nova York foi inicialmente feita por William Cullen Bryant, editor do Evening Post, em função da expansão crescente a que a cidade estava sendo submetida.. Um pouco depois, em 1848, Andrew Jackson Downing, enfatizou a proposta de Bryant justificando-a com o sucesso que os parques cemitérios faziam na época. Mount Auburn, em Boston, desenhado em 1831, foi seguido por Greenwood Cemetery, em Nova York por Spring Grove em Cincinate, por Gracelande em Chicago e Laurel Hill na Philadelphia

unesp

Apenas em 1853 as terras para o parque foram adquiridas depois de terem virado até promessa de candidato nas eleições para prefeito de 1851, porém de acordo com Magnoli (1982) a epidemia que grassou em Nova York em 1852 foi fundamental para a decisão da construção do parque.

Em 1857, Frederick Law Olmsted foi indicado Superintendente do parque e um pouco mais tarde foi vencedor do concurso aberto para a escolha do seu desenho. Seu sócio chamava-se Calvert Vaux, antigo sócio de Downing até a morte deste num acidente de barco.

Olmsted havia estudado Ciência Agronômica, Engenharia e Agronomia e em viagem a Europa em 1850 havia conhecido o Birkenhead Park em Liverpool. Birkenhead é apontado como grande influência na concepção formal do Central Park. A influência de Birkenhead é sentida especialmente no sistema de circulação do parque que separa caminhos para carruagens e cavalos dos caminhos para pedestres, outra distinção é feita entre as avenidas que ligam a cidade através do parque, essas avenidas não se cruzam com a circulação interna pois são executadas com diferença de níveis. A inspiração para a passagem em nível veio, de acordo com Chadwick (1966), também da Inglaterra, do Zôo do Regent's Park de Londres. A solução da passagem em nível foi importante pois antecipou uma solução para o problema urbano que inevitavelmente ocorreria quando a cidade chegasse ao redor do parque, como realmente chegou, ou seja o problema da transposição da área. Normalmente parques urbanos com a extensão do Central Park tornam-se barreiras dentro da cidade, dividindo-a, ou quando essas vias cortam os parques, como no exemplo de Londres, restringem seu aproveitamento, em outras palavras a liberdade de distração para os usuários fica prejudicada.

unesp

Apesar da influência do pinturesco no desenho, Olmsted e Vaux se preocuparam mais com a questão da inclusão do parque num contexto urbano não deixando que a preocupação com o estilo do desenho sobrepujasse essa determinante.

O programa do concurso determinava um gasto total de um e meio milhão de dólares, quatro cruzamentos de Leste a Oeste (os cruzamentos em nível citados), três playgrounds, área para uma torre, para uma grande fonte, para um jardim de flores, para desfiles cívicos, para patinação e um hall de exposições.

O sucesso e o reconhecimento pelo longo trabalho de Olmsted e Vaux no Central Park residem na capacidade que os dois tiveram em antecipar as condições que envolveriam a cidade e o parque no futuro. A grande massa arbórea que rodeia toda a área foi elaborada com o propósito de isolar o interior do parque do ambiente urbano, apesar que a altura que os edifícios alcançaram ao redor não poderia ser prevista naquela época, mas o manejo da circulação, a idéia de explorar esteticamente as condições originais do solo (a rocha aflora em alguns pontos) e das declividades mostram como eles pensaram em deixar reminiscências das condições naturais do sítio depois que a cidade perdesse essas características em função da intensa urbanização que se seguiu.

O Central Park influenciou a construção de muitos parques na América e os dois paisagistas construíram muitos deles além de bairros, um cemitério, campus universitários, um levantamento em Yosemite Valley, mas a mais importante contribuição que deixaram para o paisagismo foi o planejamento do sistema de áreas verdes de Boston.

Já na época do Central Park a idéia que Downing tinha sobre as áreas verdes de recreação para Nova York não se restringia a apenas um

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

parque. Olmsted e Vaux compartilhavam dessa opinião e puderam realizar um sistema mais abrangente em Boston.

No texto entitulado *"Public Parks and the Enlargement of Towns"* escrito em 1870 Olmsted expõe suas idéias sobre a constituição de um sistema de parques: "Os limites do parque deveriam ser associados a caminhos que garantissem a comunicação do parque com áreas mais distantes da cidade, existentes ou futuras. Esses caminhos poderiam ser alongamentos estreitos informais do parque variando entre 60,00 ou 150,00 metros de largura saindo irregularmente dele e que fossem planejados de modo a nunca serem barulhentos e raramente estarem apinhados de gente. Eles seriam um prolongamento do parque e apenas trafegariam por eles as carruagens que estivessem a passeio, sendo o cruzamento com vias normais da cidade evitado ao máximo. Se possível esses caminhos seriam ramificados por outros caminhos semelhantes para que nenhuma parte da cidade ficasse a muitos minutos neles. Esses caminhos deveriam ter plantio e decoração de modo que quando passássemos por eles, indo ou vindo do parque ou do serviço, deparássemos com alguma situação recreativa inusitada. É um erro comum considerar um parque como alguma coisa com um fim em si mesmo, como uma pintura em um quadro. Ele deveria ser planejado como se fosse um afresco considerando-se sempre o que houvesse no entorno..."(apud Chadwick, 1966). O sistema de parques de Boston compreende o número de dezenove parques com um "parkway" que varia de 60,00 a 450,00 metros.

Depois de Olmsted, a evolução das áreas recreacionais na América, já no fim do século XIX e começo deste século, passou por um período denominado "reform park" onde entre outras características aparecem os

unesp

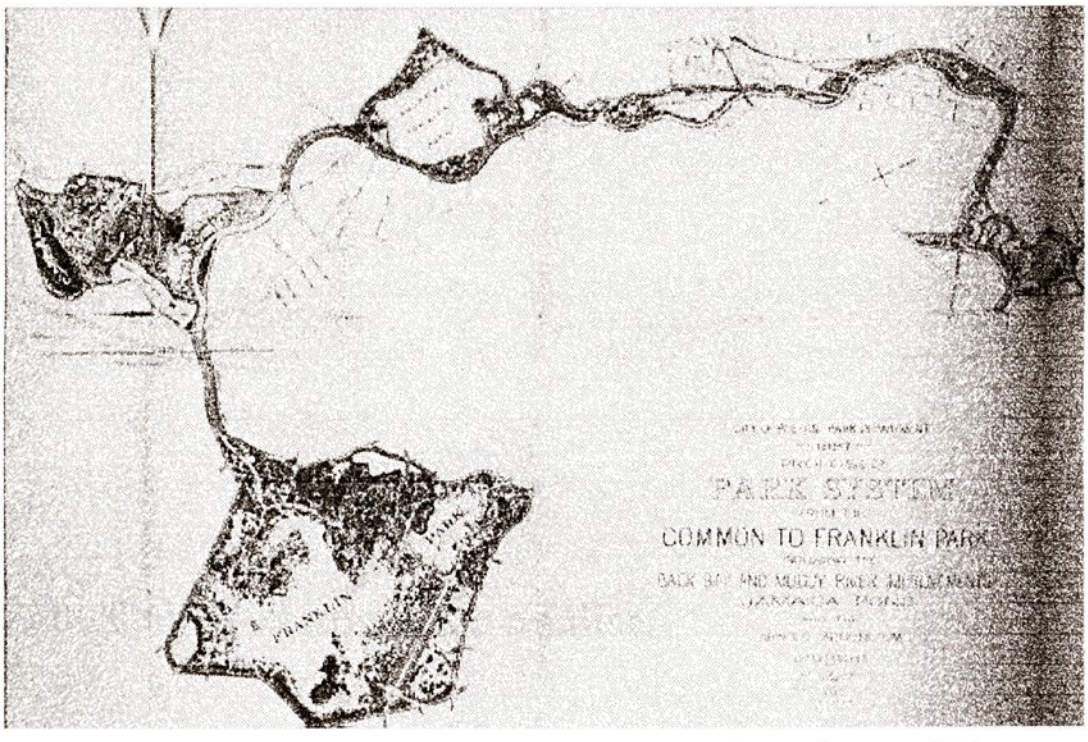
"pocket Parks", pequenos parques cujo espaço é composto quase que exclusivamente por áreas de piso e equipamentos de lazer e estar.

A depressão americana e posteriormente a II Guerra levaram a um uso mais intenso de parques como opção de recreação (...) Neste período, o planejamento e integração do sistema de parques chegou a sofisticação: o aumento populacional causado pelo fim da guerra foi esperado com planos globais para espaços recreativos. (Mariano, 1992)

Um novo período, na década de 60 deste século, é caracterizado quando se intensifica a concepção dos espaços livres como um todo, indo da pequena escala até a paisagem territorial, ou seja além dos limites da cidade. O embrião dessa visão já estava nas idéias de Olmsted, que defendeu a implantação de parques nacionais e a criação do Parque Nacional de Yosemite Valley (Mariano, 1992) . Um marco dessa fase é a publicação do livro "Design with Nature" de Ian McHarg. "O professor de paisagismo Ian McHarg comentou em um curso nos anos setenta com os estudantes da Universidade da Pennsylvania (acompanhado por um público televidente numerosíssimo) a noção de paisagem entendido como sistema ecológico, onde a geologia, a topografia, a situação de aquíferos, do uso do solo, da flora, da fauna e o clima eram elementos fundamentais. Mesmo traçando uma visão panorâmica da grande escala da paisagem e do meio ambiente, passou mensagens aplicáveis a intervenções paisagísticas de qualquer envergadura, se concentrou na idéia de uma paisagem que não se circunscreve a colecionar vegetação e topografia."(Sutherland, 1991)

A discussão do paisagismo não termina com McHarg, existem as questões de desenho por exemplo que estão em constantes modificações, mas sua visão em relação a ampliação dos horizontes de intervenção paisagística é ainda revolucionária.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18



Parte do sistema de parques de Boston (Fonte: Jellicoe, Geoffrey and Susan, 1995)

3. Referências usadas para análise.

Procurando metodologias ou modelos para a implantação de sistemas de áreas verdes (de modo que servissem como base para uma avaliação), encontramos diversas abordagens.

No caso de cidades planejadas, o sistema de áreas verdes é determinado pela concepção geral do plano.

Um dos mais ricos exemplos de cidade planejada no aspecto de suas áreas verdes é a Cidade-Jardim de Ebenezer Howard que aparece como resposta aos mesmos problemas que motivaram a criação de parques públicos no meio urbano: a extrema insalubridade em que vivia a população trabalhadora de Londres no século XIX. Na Cidade-Jardim a área prevista para parques é de 100 ha que, de acordo com Howard, devem ser localizados em pontos de fácil acesso para uma população de aproximadamente 30.000 habitantes. (Howard, 1996).

No diagrama usado para explicar a Cidade-Jardim aparece o Parque Central como elemento de partida. A concepção geral da cidade procura contrapor-se à insalubridade através das áreas livres: "(...) amplos espaços para vias públicas, algumas das quais com proporções verdadeiramente

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

magníficas, tão largas e espaçosas que a luz do sol e o ar poderiam circular livremente e cujas árvores, arbustos e gramados dariam à cidade aparência semi-rural. Obteria também lotes amplos para a sede da municipalidade, biblioteca pública, museu e galeria de arte, teatro, sala de concertos, hospital, escolas, igrejas, balneários para natação, mercados públicos etc. Asseguraria também um parque central com 58 ha e uma magnífica avenida com 128 m de largura, estendida numa circunferência de mais de 4,8 Km de comprimento interrompida apenas por espaçosos bulevares e por escolas e igrejas que, com certeza, não seriam menos belas pelo pouco dinheiro que foi gasto por seus terrenos." (Howard, 1996)



Howard Park - Lechworth Garden City (Arquivo: Heritage Museum)

Outros aspectos que caracterizam a cidade são o parcelamento do solo e a legislação que normatiza os recuos nas áreas residenciais. Em

Lechwork, por exemplo, com exceção dos alojamentos para solteiros, as demais áreas residenciais possuem lotes generosos que permitem a sobra de grandes espaços plantados. Os recuos frontais somados às largas calçadas gramadas também contribuem para o aspecto geral bucólico. Esses são mais alguns elementos que garantem a "aparência semi-rural" pretendida por Howard no plano.

Apesar de ter sido concebida já em meados deste século, também a cidade modernista de Brasília traz na sua elaboração reminiscências salubristas: "(...) O próprio Lúcio Costa, no memorial descritivo que acompanhou a proposta vencedora para o plano de Brasília, refere-se a duas grandes áreas como "pulmões", na medida em que foram 'simetricamente dispostas em relação ao eixo monumental', e representariam, assim, áreas de respiração para a cidade" (Franco, 1977). Essas duas áreas são o Parque da Cidade e o Parque Ecológico Norte de Brasília (PqEN), este último com cerca de 175 ha. Numa tentativa de decodificar o sistema de áreas verdes de Brasília, poderíamos identificar nesses dois parques o atendimento à população geral da cidade e também à população das cidades-satélites. Já ao nível da escala de vizinhança, Brasília mergulha toda a zona residencial num "imenso parque", solução que seria muito interessante se não tivesse originado concomitantemente espaços ociosos e amorfos. Esse parece ser o grande problema dessa concepção: de maneira geral seus edifícios são implantados de forma a gerarem grandes vazios urbanos, sem, no entanto, serem degradados, mas isso em função da constante manutenção oferecida pelo poder público local.

Poderíamos ainda falar sobre o plano de Cerdá para Barcelona, pois traz inovações surpreendentes para a época (1859), no que se refere às áreas verdes. Mesmo tendo adotado como traçado o plano em xadrez, a

unesp

disposição dos edifícios na quadrícula proporciona espaços livres inusitados na trama urbana.

Se inicialmente as áreas verdes surgiram na cidade principalmente com funções higienistas, tentando aliviar as grandes massas construídas e proporcionar lazer às populações excessivamente concentradas, a partir do urbanismo (com Cerdá) elas passam a compor o desenho urbano juntamente com outros espaços livres, como praças "secas", avenidas e ruas.

Já nas cidades de crescimento espontâneo, a criação de áreas verdes de recreação passa por caminhos muito diversos. Descreveremos a seguir alguns trabalhos, experiências concretas, que têm como objetivo a implantação de áreas verdes de recreação em cidades já consolidadas. Desses trabalhos, procuramos tirar parâmetros para a avaliação do sistema de áreas verdes de Bauru.

3.1. A Metodologia de Kliass

A avaliação da qualidade das áreas colocadas à disposição de uma determinada população pressupõe inicialmente o estabelecimento de alguns conceitos norteadores. Magnoli (1986) nos dá alguns deles, quando afirma que as áreas verdes componentes de um sistema têm funções que só podem ser desempenhadas se houver um vínculo entre sua localização e os edifícios, isto é, para as pessoas que os ocupam em circulação ou em permanência. "A apropriação dos espaços pelo homem para suas necessidades e atividades é criada em níveis locais, setoriais, urbanos, metropolitanos, sub-regionais e regionais em função da proximidade espacial. A proximidade espacial, movimento, exige

unesp

BIBLIOTECA - UNESP CAMPUS DE BAURU

permeabilidade entre os espaços por meios diversificados e amplos de locomoção. A distribuição de espaços livres para serem apropriados pelo homem (sistema de parques) fica vinculada às maneiras de acessos disponíveis em cada uma das escalas de urbanização, e à freqüência dos usuários. Freqüência, utilização, apropriação em sentido amplo diz respeito à duração e periodicidade de tempo disponível. Isto traz esquematicamente (e ainda grosseiramente) a usos diários, semanais, de feriados, de férias curtas ou prolongadas. É pela relação entre o uso diário e duração reduzida que se pode observar que são espaços que devem estar próximos da habitação, que são de nível local. Para atividades de longa duração, o tempo de acesso passa a ter pequena interferência, permitindo localizações regionais. Há toda uma gama de diversificação de distribuição espacial que fica inserida entre os dois extremos e que é função da freqüência dos usuários e da localização e facilidades de acesso." (Magnoli, 1986)

Tendo como base essa mesma conceituação é que Rosa Kliass executa dois trabalhos encomendados pelas administrações municipais de São Paulo e Salvador, e procura sistematizar a localização e a escala das áreas verdes no contexto urbano. O primeiro deles "Áreas Verdes de Recreação: Município de São Paulo" foi elaborado por Kliass e grande equipe entre 1967 e 1969, e o segundo, feito para a cidade de Salvador, denomina-se: "Estudos de Áreas Verdes e Espaços Abertos" de Kliass, Kfouri e Oliveira (1978), estando ambos relacionados na bibliografia.

São desses trabalhos as seguintes diferenciações:

V = Parque de vizinhança: recreação ativa 0 - 10 anos e recreação passiva; raio máximo de atendimento 500 m sem travessia de ruas de trânsito intenso.

Nº 771
BIBLIOTECA - UNESP
CAMPUS DE BAURU

Não são propostos parques de vizinhança para população de nível alto e médio alto.

B = Parque de Bairro: recreação ativa 11 - 24 anos, recreação passiva; raio máximo de atendimento 1.000 m.

Não são propostos parques de bairro para população de nível alto.

S = Parque Setorial: recreação ativa e passiva para toda população do município; raio de atendimento: 5.000 m.

Parques metropolitanos: foram adotados os critérios do plano urbanístico básico e do plano preliminar de Santo Amaro.

Espaços livres especiais: junto a centros de compras, centros cívicos, monumentos e edificios públicos, avenidas e estacionamentos.

Para os parques de vizinhança, de bairro, observa-se o raio de abrangência e dentro dele é importante que não haja vias de tráfego intenso e acidentes topográficos de dificil transposição. O parque setorial, metropolitano e os espaços livres especiais devem ser analisados de acordo com cada situação em particular.

Em relação aos tamanhos ideais para parques Kliass, Kfouri e Oliveira, (1978) estabelecem a demanda usando como base dados censitários, aplicando padrões de atendimento preestabelecidos que tornam possível avaliar a adequação e os déficits. Os índices de área verde de recreação adotados como padrão de atendimento nesse trabalho são:

- Parques de Vizinhança 1,5 m2/ hab.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

- Parques de Bairro 1,5 m2/ hab.
- Parques Setoriais 3,0 m2/ hab.

Os índices acima resultaram da aplicação dos seguintes valores para área e freqüência:

- Parques de Vizinhança

  15 m2/ usuário simultâneo

  freqüência = 1/3
- Parques de Bairro

  60 m2/ usuário simultâneo

  Freqüência = 1/5
- Parques Setoriais

  30 m2/ usuário simultâneo

  Freqüência = 1/10

Esses índices e valores foram obtidos de comparações de vários padrões internacionais, principalmente americanos, ingleses e italianos, e de análises de projetos de parques de recreação. (Kliass, 1978)

O índice de freqüência 1/10 dos Parques Setoriais foi baseado em freqüência a clubes da cidade de São Paulo, e o índice de 30 m2 de área de parques setoriais por usuário simultâneo resultou dos estudos de quantificação dos equipamentos, fornecido pela Pesquisa de Usuários de Parques (GEGRAN), e de Ante - Projeto do Parque Metropolitano Sul da Grande São Paulo, em São Bernardo do Campo. No trabalho de Salvador Kliass faz uma ressalva quanto à compatibilidade em se usar os índices acima e a realidade da capital baiana, colocando que índices mais adequados somente poderão ser encontrados com uma pesquisa domiciliar e com pesquisas junto a usuários de Parques.

unesp

Para a análise da situação podem ser usados os seguintes critérios: uso do solo (Z1- Z2....de acordo com classificação adotada pela Prefeitura Municipal), ocupação sócio-econômica e densidade demográfica.

Para a ocupação sócio-econômica, é usada a seguinte classificação:

Nível sócio-econômico 1: Habitações de alto padrão com baixa ocupação do solo com tratamento das áreas internas nos lotes, em ruas atendidas por serviços públicos. (Não são propostos parques de vizinhança e de bairro.)

Nível sócio-econômico 2: Habitações adequadas quanto a sua função e utilização em lotes suficientes. (Não são propostos parques de vizinhança.)

Nível sócio-econômico 3: Habitações precárias quanto a sua função e utilização (famílias numerosas), em lotes pequenos, com ruas com baixo atendimento de serviços públicos.

Nível sócio-econômico 4: favelas e cortiços.

No trabalho *Áreas Verdes e Espaços Abertos* a metodologia para verificação da demanda e do potencial de áreas verdes segue o seguinte procedimento: "assumiu-se o artifício de subdividir a área urbanizada em módulos de aproximadamente 45 ha (quadrados de 666 m de lado), os quais contêm idealmente um parque de vizinhança (raio máximo de 500 m). A composição de quatro módulos resultou no que se denominou *Setor de Recreação*, cujos limites foram a acomodação dos limites rígidos dos

unesp

módulos ao sistema viário e à topografia. Cada *Setor de Recreação* comporta sempre um parque de bairro." (Kliass, 1978)

Para obtermos o tamanho adequado do parque é necessário o conhecimento da densidade populacional existente sobre o qual devem ser aplicados os índices de freqüência.

Um outro trabalho com aspectos similares à metodologia de Kliass foi apresentado no I Congresso Brasileiro sobre Arborização Urbana e IV Encontro Nacional sobre Arborização Urbana, em Vitória, no Espírito Santo, em 1992; nele, Cavalheiro (1992) apresenta a seguinte tabela relativa às áreas verdes de recreação:

SUGESTÃO DE ÍNDICES URBANÍSTICOS PARA ESPAÇOS LIVRES

CATEGORIAS	m2/hab	Área min.	Dist. Resid.	Propried.
Vizinhança				
até 6 anos	0,75	150 m2	até 100 m	Público. ou
06-10 anos	0,75	450 m2	até 500 m	Particular
10-17 anos	0,75	5000 m2	1000 m	Público
Parque de Bairro	6,0	10 ha	1000 m ou 10 min/veíc	Público
Parque Distrital ou Setorial	6.0/7.0	100 ha	1.200 m ou 30 min/veíc.	Público

unesp

Parque Regional	s/ ref.	200 ha área com água	qualquer parte da cidade	Público
Área para Esporte	5.5	3-5 ha/ 150.000	perto de escolas	Público ou Particular
Balneário	1.0 1/10	2 ha/ 0.2 ha	perto de escolas	Público ou Particular

Essa tabela foi sugerida pela "Conferência Permanente dos Diretores de Parques e Jardins da República Federal da Alemanha", em 1973.

A localização das peças devem, de acordo com o autor, ser estabelecida a partir de análise do suporte físico do território numa abordagem ambiental (sobre o qual falaremos mais a frente neste trabalho).

Aqui, como no caso de Kliass, observa-se a importância do levantamento das condições sócio-econômicas dos habitantes da cidade "para que se possa vislumbrar os déficits e disparidades dentro da malha urbana" (Cavalheiro, 1992).

3.2. O Exemplo de Barcelona

Em um artigo intitulado: "1977-1996 Resumo de uma idade de ouro" Kenneth Frampton (1996) caracteriza as intervenções feitas no espaço urbano e a construção de diversos edifícios em Barcelona como a

unesp

produção em que "uma escola de arquitetos, mais que uns poucos indivíduos com talento, forjaram a cultura ambiental de toda uma era."

Também reconhecido pelos intelectuais de Barcelona como "a era democrática", esse período é marcado pelo fim da ditadura franquista em 1975, e pelo trabalho do arquiteto, crítico e professor Oriol Bohigas, chefiando o Departamento de Urbanismo da cidade, que se propôs a planejar a reconstrução da capital da Catalunha objetivando equipará-la a uma capital européia. "Com a apresentação do primeiro plano de Bohigas para a renovação da cidade fechado em 1982, o exaustivo 'Plans i Projectes per a Barcelona 1981/1982', se iniciou uma estratégia cultural e instrumental que culminaria com Barcelona como sede das Olimpíadas de 1992." (Frampton, 1996)

Foram empreendidos projetos pontuais tendo por objetivo a requalificação urbana, mediante a melhora de espaços públicos. Oriol Bohigas objetivava realizar uma série de atuações concretas que fossem focos regeneradores do seu entorno, acreditando que este processo poderia ter resultados mais imediatos e mais radicais que a trajetória que parte exclusivamente do planejamento sistemático da grande escala.

Essas novas formulações urbanísticas são uma contraposição à idéia do plano geral que vigorou durante o período modernista e que vinha sofrendo, desde a década de 80, forte crítica. "As intervenções em Barcelona devem ser vistas num contexto da urbanística contemporânea que preconiza transformações a partir de "ações" e ou "projetos" que têm capacidade executiva e que em seu conjunto são capazes de por em movimento a cidade ou um grande setor da mesma. Portanto, têm força própria, mas também uma grande capacidade indutora." (Busquets, 1996).

Dentro desse processo, as áreas verdes de recreação foram organizadas de modo a desempenhar seu papel enquanto espaço público

unesp

urbano de importância. Assim, foram colocadas dentro de um contexto mais amplo do que o de propiciar espaços para o lazer da população, pois tinham um "objetivo" a desempenhar na requalificação urbana almejada. Como resultado desse esforço, os parques e jardins de Barcelona receberam projetos que acabaram sendo reconhecidos pela crítica como pontos de referência quanto à sua qualidade formal. Sobre esse aspecto Panzini (1995) coloca: "Nos anos 80, a exigência de requalificar a cidade existente conduz ao renascimento do jardim público, visando melhorar a qualidade física de bairros velhos e degradados. O ambiente urbano densamente construído torna-se local por excelência do jardim público contemporâneo. A redescoberta do papel qualificador que o jardim pode absorver, de embellissement, sobretudo em contextos urbanos degradados, evidencia-se na carga representativa e, às vezes, em certo cerebralismo do desenho"

As novas características que assumem essas áreas destacam-se também pela contraposição à relativa uniformidade dos parques das décadas precedentes que "é substituída pela criatividade desmedida dos anos 80: a cultura paisagística volta a se ocupar plenamente do jardim público urbano, pesquisando as categorias funcionais, os valores estéticos, os significados simbólicos, tendo como objetivo evidenciar a essência pública do espaço aberto." (Panzini, 1995)

unesp



Sistema de Áreas Verdes de Barcelona (Fonte: Gabancho, 1995)

A cidade de Barcelona se transforma nesse período num imenso laboratório na procura de novas soluções formais para os espaços livres. Contrapondo-se ao período modernista, onde outros estilos eram rejeitados, "passa a haver a livre utilização de citações numa composição eclética que vincula o jardim à tradição clássica. A valorização da geometria passa a ser o vetor das experiências." (Panzini, 1995) Um exemplo expressivo é o Nus de la Trinitat, parque de Enric Batlle e Joan Roig, que anteriormente era um vazio urbano, e foi transformado em uma paisagem edênica. (Frampton,1996)



Parc Nus de La Trinidade (Fonte: Gabancho, 1995)

As intervenções foram executadas em vários pontos de Barcelona, sem privilegiar bairros centrais ou anteriormente mais valorizados, daí decorrer um outro motivo para esse período ter sido denominado de "era democrática". Também o fato de todos terem sido implantados no espaço aproximado de uma década contribuiu para o controle da especulação nas áreas revitalizadas.

Algumas dessas áreas são exemplos importantes por terem passado a ser referências no que diz respeito ao aspecto formal e pela correta interpretação do entorno propiciando uma perfeita inserção no espaço urbano e na apropriação pelos usuários.



Parc Creueta dell Coll (Fonte: Gabancho, 1995)

Um dos mais interessantes entre todos é o parque da Creueta del Coll que foi construído em uma rua que apresenta um pequeno comércio, num bairro da periferia marcadamente residencial de alta densidade. Tendo sido anteriormente uma pedreira e, em função do solo rochoso, impróprio para o plantio foi aproveitado para a instalação de um lago-

piscina, (numa solução que lembra o parque parisiense Butte-Chaumont). O espaço degradado de 1,68 ha se transformou, com o projeto, em lugar de qualidade excepcional, pelo desenho empregado e pela presença marcante da rocha. Possui como equipamentos, além da piscina e vestiários, um play-ground num platô mais elevado privilegiando as visuais. Margeando um dos lados do parque há uma pérgula de tela metálica com mesas para lanches (ao nível da piscina). Apresenta também um pequeno bosque mediterrâneo em formação próximo à plataforma do play-ground. (Gabancho, 1995)

O projeto deste parque, realizado pelo famoso escritório MBM onde Bohigas foi sócio durante muitos anos, é particularmente admirável pela sua implantação, permitindo inclusive uma panorâmica vasta da cidade em um dos seus platôs mais altos (onde se localiza o play-ground) No entanto, além da qualidade formal, ou talvez por ela, o que chama a atenção nesse pequeno parque é sua intensa utilização.

O parque Clot é um outro exemplo que também fica na periferia e é caracterizado como um ponto de passagem: relaciona os diversos pontos nevrálgicos do bairro (o mercado, a sede regional da prefeitura e outros equipamentos). Com 4,03 ha de superficie, foi inaugurado em 1986. (Gabancho, 1995). Como a Creueta o Parque Clot está situado num bairro marcadamente residencial, periférico, de população menos abastada. Sua singularidade está em aproveitar ruínas de uma construção industrial (as oficinas da rede ferroviária local) e transformá-lo num equipamento público. Ao mesmo tempo em que cria um uso completamente diferente, não apaga da memória da população sua condição anterior. Ao contrário, as arcadas originais da indústria são usadas para criar uma situação plástica inusitada e particular. "No Parc del Clot, em Barcelona, Dani Freixes e Vicente Miranda com o espírito de resgate cultural conservam

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

elementos das edificações que ocupavam anteriormente o assentamento, transformando o contexto original por meio de artifícios visuais que lhe ressaltam o significado." (Franco, 1997)

Com as mesmas características de entorno que a Creueta, o Parc del Clot tem um programa completamente diferente. Resgata o espaço seco das praças antigas, próprio para atividades diversificadas, e articula o entorno urbano. Esse espaço fica num nível mais baixo que a via lindeira e encontra-se isolado do trânsito de pedestres, que corta o parque, através de duas pontes. Há recantos como uma prainha de areia, um jardim para contemplação com traçado sinuoso e declividades variadas obtidas com a terra da praça escavada. Dois play-grounds, algumas referências do exterior (como o relógio da sede regional da prefeitura) e arcos da antiga construção, usados como aquedutos para a formação de cortinas de água, completam o cenário.



Parc Clot (Arquivo: Emilia Falcão Pires)



Jardins da Villa Cecília (Fonte Capella, 1996)

Já, os jardins da Villa Cecília estão num contexto diferente dos dois últimos parques citados, apesar do entorno também ser residencial, a população é de nível sócio-econômico mais elevado. Constitui-se num espaço muito lúdico onde o "jardim tradicional é desconstruído através de descontinuidades, assimetrias, objets trouvés, esculturas, luminárias na forma de árvores, desenhos de piso e canteiros em ziquezague, constituindo uma paisagem de fantasia." (Panzini, 1995) Desenhado por

José Antonio Martínez Lapeña e Elías Torres Tur, resulta da ampliação de um jardim privado preexistente.

Poderíamos descrever aqui mais alguns parques e jardins de extrema beleza: o já citado Nus de la Trinidad, o Pégaso, o parque da Espanha Industrial e o exuberante Escorxador (que ostenta uma enorme escultura de Miró), além de outros, porém é importante destacar que o "movimento" de Barcelona acabou propiciando também algumas discussões para além da questão formal.

Jordi Farrando (1996) no artigo "Praças, jardins, praças-jardim. O problema dos nomes, dos usos, as funções e as formas." observa que a despeito de tudo o que se discutiu de positivo sobre os espaços públicos de Barcelona são identificados diversos problemas relacionados à fragmentação e à inexistência de um plano geral mais detalhado que possibilite a integração das áreas verdes de recreação formando um todo articulado.

Se Barcelona é reconhecida como um imenso laboratório na procura de novas soluções formais, não pode deixar de ser considerada também como uma grande oportunidade para análises como as de Farrando, que provocam o debate sobre aspectos diversos relacionados as áreas verdes de recreação, assim como nos deixam sensíveis ao reconhecimento de novas proposições.

3.3. A Abordagem Ambiental

"Queiramos ou não, a dimensão da crise ambiental planetária só foi percebida no pós Segunda Guerra e especialmente no correr da guerra do Vietnã (...) Só assim a inércia das intervenções paisagísticas baseadas no

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

pictoresco ou no[illegible]ionalismo pôde ser interrompida. O desenho da paisagem baseado apenas nos valores estéticos e na funcionalidade perderam a razão de ser" (Franco, 1997).

Essa mudança na postura frente as intervenções paisagísticas aparece como conseqüência de uma ampliação no conhecimento sobre os processos de degradação ambiental e do papel que áreas cobertas por vegetação desempenham na adoção de critérios de conservação.

Como foi visto no primeiro capítulo, a visão ecossistêmica da paisagem foi divulgada pela primeira vez por Ian McHarg na Universidade da Pensilvania. McHarg mostra que algumas porções territoriais apresentam restrições a certos usos e propõe uma nova metodologia de intervenção na paisagem, com a elaboração de diagnósticos para a identificação de áreas suscetíveis a impactos. De uma maneira geral, esses diagnósticos indicam restrições de uso, principalmente em fundos-de-vale, encostas com declividades acentuadas, margens de nascentes, margens de cursos d´água, lagos, lagoas, topo de morros e dunas. Essas áreas são sujeitas a degradação caso seu ecossistema seja quebrado através do desmatamento.

Um mapeamento mostrando as áreas sensíveis pode ser feito, usando-se cartas de declividade, de drenagem superficial, drenagem subterrânea, geologia, suscetibilidade a erosão, pedologia e geomorfologia. Cartas com valores como importância histórica, diferenciações no valor imobiliário das terras, áreas com qualidades cênicas, áreas sujeitas a inundações, sítios com valores recreacionais, valor residencial, reservas de vida selvagem e reservas de mata nativa podem ser incluídos. O resultado da sobreposição e comparação dessas cartas será um diagnóstico mais abrangente que mostrará as melhores possibilidades para os diversos usos pretendidos. Este é um processo que

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

permite estabelecer se é possível ou desejável o uso urbano, agrícola ou se a melhor opção se restringe à preservação, sempre tendo como parâmetros as possibilidades e capacidades que o sítio apresenta.

Com um plano para "The Valleys" em Baltimore, McHarg demonstra como, a partir desses diagnósticos, pode-se chegar ao projeto. Nesse exemplo a preocupação principal girou em torno da preservação de bacias e das áreas florestadas. Essas áreas são indicadas, de acordo com o autor, para a implantação de parques em suas diversas escalas.

Um trabalho apresentado no IV Encontro Nacional sobre arborização urbana, por Cavalheiro et alii (1992) (já citado anteriormente), traz uma proposta para o estabelecimento de áreas verdes de recreação que incorpora a visão ambientalista: inicialmente identifica-se as unidades de paisagem que vão ser trabalhadas, normalmente bacias hidrográficas ou microbacias, para, a seguir, reconhecer as áreas mais sensíveis a degradação ambiental (através da sobreposição de cartas) e em seguida colocá-las à disposição da população como áreas de recreação. "Tendo-se realizado os estudos das possíveis alterações ambientais, da identificação das unidades de paisagem, é necessário que se pense com cuidado no ordenamento dos espaços livres dentro do tecido urbano, visando não só uma otimização do meio físico mas também numa melhoria na oferta de áreas livres para o lazer da população." (Cavalheiro, 1992).

Essa abordagem encontra grande repercussão no paisagismo contemporâneo norteando trabalhos com uma perspectiva ambiental na escala do território e da cidade e influência até ao nível de soluções formais em escalas menores. Os maiores exemplos dessa linha de trabalho são os projetos de Burle Marx que compõe estéticamente os espaços através do resgate de associações vegetais nativas. Um outro exemplo bastante singular e bem atual é o Parque Cidade de Toronto em São Paulo

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

que "valoriza as possibilidades formais e ecológicas de uma bacia de drenagem, propondo uma apreciação estética de áreas brejosas decorrentes de derivações ambientais" (Sandeville, 1998)

Podemos enquadrar dentro da mesma perspectiva as iniciativas que procuram recuperar áreas degradadas e aproveitá-las como espaços recreativos. Na história do urbanismo e do paisagismo temos vários exemplos.

O parque parisiense Buttes Chaumont, a Creueta del Coll em Barcelona, e a pedreira Paulo Leminski em Curitiba, são exemplos de pedreiras desativadas que, reaproveitadas, alcançaram qualidade formal excepcional

Em Bauru também temos um exemplo com o Anfiteatro Vitória Régia que, antes de receber o projeto implantado em 1978, constituía-se em uma erosão urbana.

O aproveitamento de áreas degradadas para parques e jardins é, mais que uma opção, uma questão técnica. Nos casos de erosão urbana além de soluções para controle da drenagem e contenção de terra com estruturas específicas (como gabiões por exemplo) a reconstituição da vegetação, com um possível aproveitamento para área de lazer, se constitui na melhor maneira para se alcançar a estabilidade do solo.

3.4. Jane Jacobs, e o uso dos parques públicos.

"Publicado em Nova Iorque, em 1961, *A Morte e a Vida das Grandes Cidade Americanas* de Jane Jacobs, tornou-se rapidamente um clássico da crítica urbanística" (Lamas, 1993). Em um dos capítulos desse livro, denominado "Aproveitamento dos parques vicinais", a autora analisa

unesp

alguns parques públicos americanos fazendo uma avaliação do espaço a partir do uso que a coletividade faz dele. Procura entender o entorno urbano e outras condicionantes no intuito de decodificar o que leva uma área a ser usada intensamente ou a ser vista com indiferença pela população a que se destina.

Jacobs (1973) constata que um parque só atrai usuários se mostrar diversidade e movimento de pessoas. Identifica que a animação estimula o uso do lugar e, num círculo vicioso, acaba gerando mais animação.

Numa visão singular ela coloca que os parques são usados para melhorar a qualidade de vida das pessoas enquanto na verdade são as pessoas as responsáveis pela qualidade de vida dos parques.

Em sua abordagem, Jacobs, não está interessada em identificar com precisão as peças de um sistema de áreas verdes. Não volta sua atenção para a discussão das diferenças entre um jardim, um parque, uma praça, e não coloca no entendimento dessas diferenças a razão para se conseguir ou não um bom espaço, como faz Farrando. Entende o sistema de áreas verdes como um conjunto simples composto por grandes parques e por parques de vizinhança, no que inclui algumas praças.

Para Jacobs, cada parque possui particularidades e características que lhes são dadas pelo entorno em que estão inseridos e nesse sentido cada um se constituí em um caso particular que desafia as generalizações.

Suas observações revelam que não há ligação entre as condições sócio-econômicas dos bairros vizinhos e a adesão ao espaço. Desse modo rompe com o chavão que apregoa sobre a incapacidade de comunidades com menor poder econômico em usufruí-los. Também considera incorreto afirmar como regra geral, que a implantação de um parque consiga mudar as características sócio-econômicas de um bairro.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Questões formais são importantes pois determinam a diversidade do lugar. O desenho do espaço deve ter um mínimo de qualidade, que ela classifica como "pão com manteiga". Enumera as seguintes características como básicas: combinação de usos, centralidade, sol e um certo recolhimento. A centralidade pode aparecer como um cruzamento de caminhos, lugar de pausa, "um clímax". (Jacobs, op. cit.) Diferenças de nível no solo, diversidade no agrupamento das árvores, aberturas que mostrem diversas perspectivas, são descritos por ela como sutis expressões que diferenciam cada lugar.

Sub-espaços para repouso, para entreter-se (olhando para alguma paisagem ou movimento dentro e fora do parque), também para ler ou fazer algum trabalho, exibir-se, namorar, para fazer amizades ou relações, aproximar-se mais da natureza, estimular uma criança a ocupar-se com algo, ver o que passa, e quase sempre entreter-se olhando as demais pessoas.

O entorno tem uma importância primaz no que diz respeito a influências que podem condicionar espaços bons ou ruins. Entornos com monotonia funcional, acabam ocasionando horários vazios, criando-se aí uma brecha para a instalação da marginalidade, se esta for uma realidade no lugar. Usa para exemplificar como um entorno ideal a seguinte descrição: "(...) Vistas em seqüência, as ruas contíguas têm, um clube de arte com restaurante e galerias de exposição, uma escola de música, escritórios do exército, uma casa de apartamentos, um clube, uma velha botica, um edifício da Armada com apartamentos, uma igreja, um centro paroquial, mais apartamentos, uma casa onde antes havia antigas casas e onde, provavelmente, se construirá logo mais um imóvel de apartamentos, outra casa antiga, mais apartamentos. Imediatamente depois do anel que dá na praça, nas ruas que vão desembocar nela e nas paralelas a seus

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

quatro lados, existe um grande número de lojas e serviços de todas as classes com casas velhas ou novas entremeadas por escritórios." (Jacobs, op. cit.) O resultado é: "(...) a variedade e confusão de usos dos distintos edifícios produzem, para o parque, uma grande variedade e confusão de usuários que entram e saem do parque a todas as horas. Estes o usam em horas diferentes porque suas ocupações cotidianas diferem. Por isso, o parque possui uma completa seqüência de usos e usuários." (Jacobs, op. cit.)

É interessante ver como Jacobs entende um parque público como um produto que deve se auto promover. Suas qualidades devem ser visíveis. Também o trata como produto quando recomenda que parques não devem competir entre si; se há grande proximidade entre eles, cada um deve oferecer um equipamento diferente.

O grande mérito da abordagem de Jacobs é entender o espaço enquanto um organismo que tem vida própria e que a partir dai interfere ou desempenha um papel urbano. Preocupações de caráter mais funcionalista, organizando as áreas verdes de uma maneira mecânica e ideal, como ocorreu no modernismo, são capazes de suprir aparentemente as necessidades de parques e jardins mas não garantem seu real aproveitamento.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

4. Caracterização das áreas verdes de recreação de Bauru.

4.1. A evolução urbana e a implantação de praças.

Com uma população urbana de 297.349 habitantes, densidade populacional distribuída irregularmente (com maior densidade no centro), por uma área de 120 Km2, Bauru se caracteriza como uma cidade de porte médio, economicamente estruturada na atividade comercial.

Elevada a categoria de município em 1896, Bauru teve o primeiro impulso de crescimento ocasionado pelo ciclo econômico do café e pela implantação das estradas de ferro Paulista, Sorocabana e Noroeste na década de 20 deste século. Por ocasião desse crescimento "o poder público assistiu passivamente a divisão aleatória do solo, sem nenhuma política de expansão urbana. O Código de Posturas aprovado em 1928 foi extremamente liberal com os quesitos relativos ao parcelamento do solo" (Plano Diretor de Bauru, 1996). Depreende-se daí que não havia nenhuma política em relação a estabelecer espaços para praças, parques e jardins.

unesp

O primeiro projeto para área verde foi implantado no antigo adro da Igreja Matriz em 1914 (apenas 18 anos após a fundação da cidade), hoje Praça Rui Barbosa. Esse projeto foi executado num contexto de polêmica em relação a quem tinha o direito de posse sobre a área. No centro da disputa estavam a Igreja, representada pela Fábrica da Matriz do Divino Espírito Santo, dona das terras que deram origem ao município, e a Câmara. A Igreja exigia indenização pelos terrenos em que foram construídos imóveis como também pelas ruas e praças. A demolição da primeira capela do lugar que ficava no largo onde foi construída a praça foi o clímax desse conflito. Essa praça ajardinada tomou o espaço que se caracterizava como um largo, similar ao das igrejas coloniais, que ficava em frente a pequena capela e era utilizado para atividades religiosas, eventos políticos, culturais e sociais (Ghirardello, 1992).

Com a demolição da capela, a Praça Municipal tomou forma com vegetação densa, exuberante, de espécies usadas em sua forma natural; os caminhos (os únicos pavimentados da cidade) tinham traçado sinuoso. Completando o cenário havia o coreto e uma ponte num lago cuja capacidade era maior do que o reservatório para fornecimento de água à população. Conformando a praça havia residências, a Câmara, a nova Igreja Matriz e o comércio.

De acordo com Ghirardello (1992) "as destinações de quadras do Patrimônio para construções públicas e praças, inexistentes no traçado original, mostram o interesse da Câmara em dotar a cidade de áreas que a embelezem e criem pontos de destaque. Elas estarão sempre junto a ruas mais importantes como forma de reforçar seu valor imobiliário."

Com o fim do ciclo cafeeiro, em decorrência do craque da Bolsa de Nova York em 29, a economia do estado entra em declínio. O município, porém, não se estagnou como aconteceu com muitas outras. " O encontro

unesp

de várias ferrovias colocava a cidade em contato direto com diversas regiões do Estado, privilégio apenas comparado a São Paulo. Essa independência da capital transformaria Bauru em polo regional de uma parte considerável e central do Estado, favorecendo o comércio, a prestação de serviços e, por conseqüência, o seu crescimento. (...) De 1924 até 1936, foi, sem dúvida o período de maior desenvolvimento da cidade, mesmo com a decadência do café, substituído pelo algodão" (Wenzel, 1988).

Por ocasião da substituição do plantio do café pelo algodão, o município recebeu novos investimentos como a implantação de empresas de beneficiamento dessa cultura (Anderson Clayton e SANBRA). Em função do crescimento econômico gerado, surgiram outros bairros além de grandes vazios urbanos. Por essa época, os loteamentos eram regulamentados pelo Decreto-lei número 58, de 1937, onde os custos de infra-estrutura cabiam ao poder público, que também era obrigado a desapropriar terrenos para a construção de praças e outros equipamentos urbanos.

Um novo surto de crescimento acontece entre as décadas de 70 e 80, quando no Brasil, em função da mecanização do campo, a população passou a migrar intensamente para as cidades. Em decorrência desse processo acentuado da urbanização, os loteamentos passaram a ser regulamentados pela Lei Federal número 6.766/79, que estipula porcentagens de áreas públicas e melhoramentos mínimos a serem implantados pelo loteador. Em Bauru, além da migração da população rural, a cidade começa a receber o afluxo de pessoas que procuravam escolas existentes com cursos profissionalizantes e faculdades, já caracterizada nessa época como centro de referência educacional. Nesse período surgem bairros de classe média e média alta, principalmente ao sul

unesp

da cidade, e a implantação de vários conjuntos residenciais gerenciados pela COHAB (Companhia de Habitação Popular).

A Lei Municipal número 2.339/82, baseada na Lei Federal 6.766/79, passa a regulamentar o parcelamento, uso e ocupação do solo urbano. Essa lei exige a reserva de um percentual de 10% para área verde, e apesar de se constituir em um avanço, ainda é um processo precário, já que determina os mesmos 10% para loteamentos com padrões diferentes, não os vincula a questões de preservação ambiental, de localização, como também permite a fragmentação desse percentual; também não regulamenta sobre sua qualidade (pode ser em um charco ou em áreas muito declivosas).Ocorre que 83% dos loteamentos existentes foram aprovados em data anterior a essa Legislação, e portanto não foram subordinados a estas exigências. (Plano Diretor de Bauru, 1996) os núcleos habitacionais patrocinados pela COHAB, em função da baixa qualidade dos projetos, apresentam os mesmos problemas, ou seja as áreas verdes são locadas aleatoriamente, não recebem projeto e nem equipamentos.

Hoje, o patrimônio de áreas verdes da cidade se distribui conforme figura 1, constituindo-se de 2 parques e 3 áreas conhecidas como bosques (Parque Ecológico Tenry Cidade Irmã, o Bosque do Geisel, o Bosque da Comunidade, o Bosque Boa Vista e o Parque das Nações) além de 175 praças[2]. (Constantino, 1995)

A evolução e particularmente a história da legislação urbana de Bauru são os responsáveis por algumas características das áreas verdes no presente.

---

[2] *Segundo profissionais da SEMA a esse número de 175 praças somaram-se mais 3 nos últimos dois anos.*

unesp

4.2. Distribuição, forma e dimensões das praças públicas.

Dois aspectos são marcantes no sistema de áreas verdes de recreação da cidade: a grande fragmentação e as dimensões excessivamente reduzidas das peças.

A articulação desses espaços formando um sistema é precária. Praticamente não existem escalas intermediárias - temos quase duas centenas de pequenos fragmentos e uma grande área a leste da cidade, na rodovia que liga Bauru a Jaú, onde se localiza o Parque Ecológico Tenry Cidade Irmã. Esse parque, ainda em estruturação, possui o Jardim Zoológico, muito visitado aos finais de semana, e o Jardim Botânico, com um pequeno viveiro de orquídeas e trilhas. Procurado pela população das cidades vizinhas, pode ser classificado como um parque na escala regional.

4.2.1. Distribuição

A ocupação residencial da cidade predomina sobre os demais usos e se caracteriza por grande adensamento ao redor do centro, com diminuição gradativa à medida que se distancia dele. É também grande a ocupação próxima a alguns eixos viários de característica comercial, voltando a crescer nas regiões periféricas onde estão situados os núcleos habitacionais. (Plano Diretor de Bauru, 1996).

Na Figura 2 temos uma carta da ocupação ou densidade de edificações que, se compararmos a carta de praças e parques (Figura 1), podemos fazer uma avaliação rápida sobre a distribuição física das áreas verdes da cidade.

unesp

PRAÇAS E PARQUES

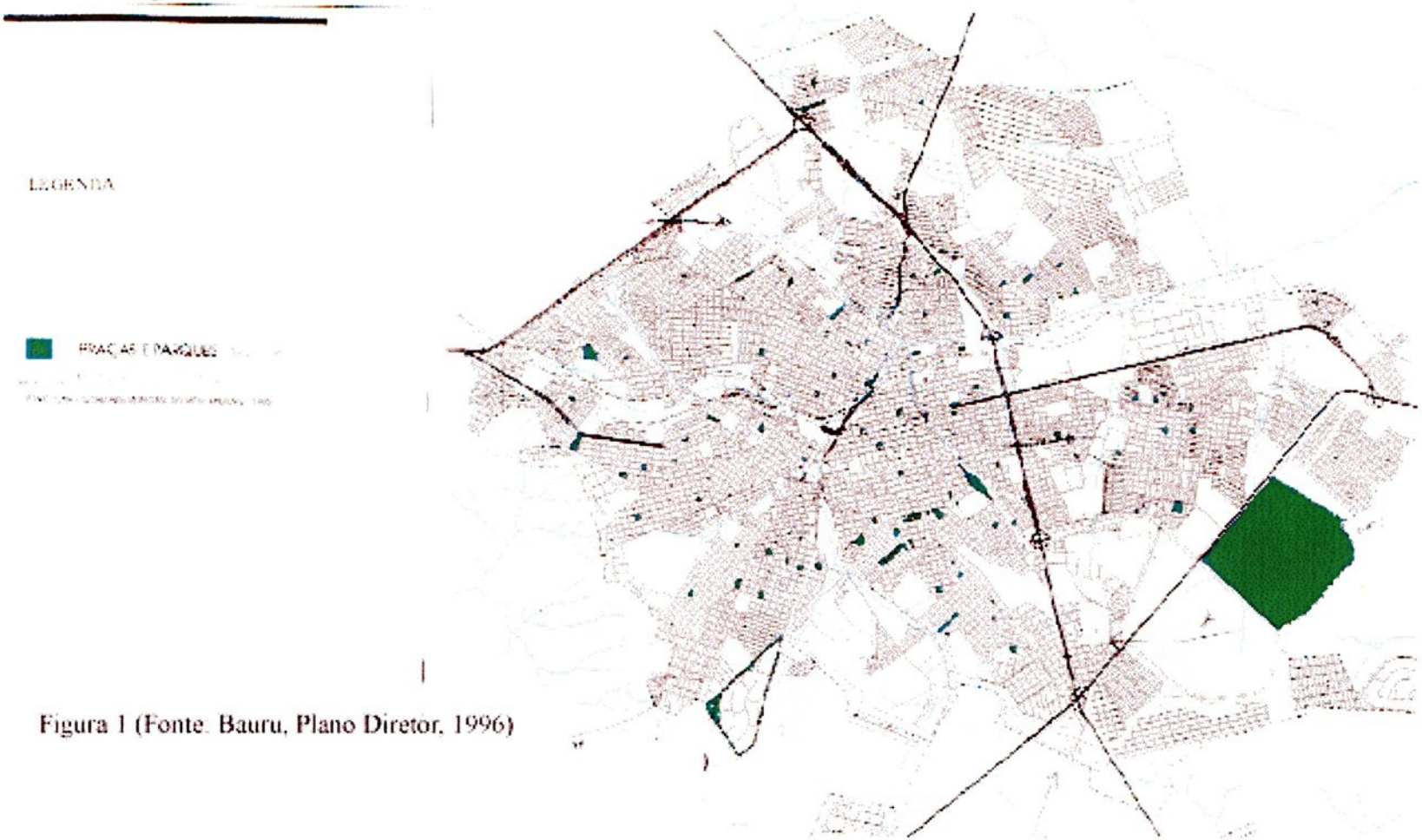


Figura 1 (Fonte: Bauru, Plano Diretor, 1996)

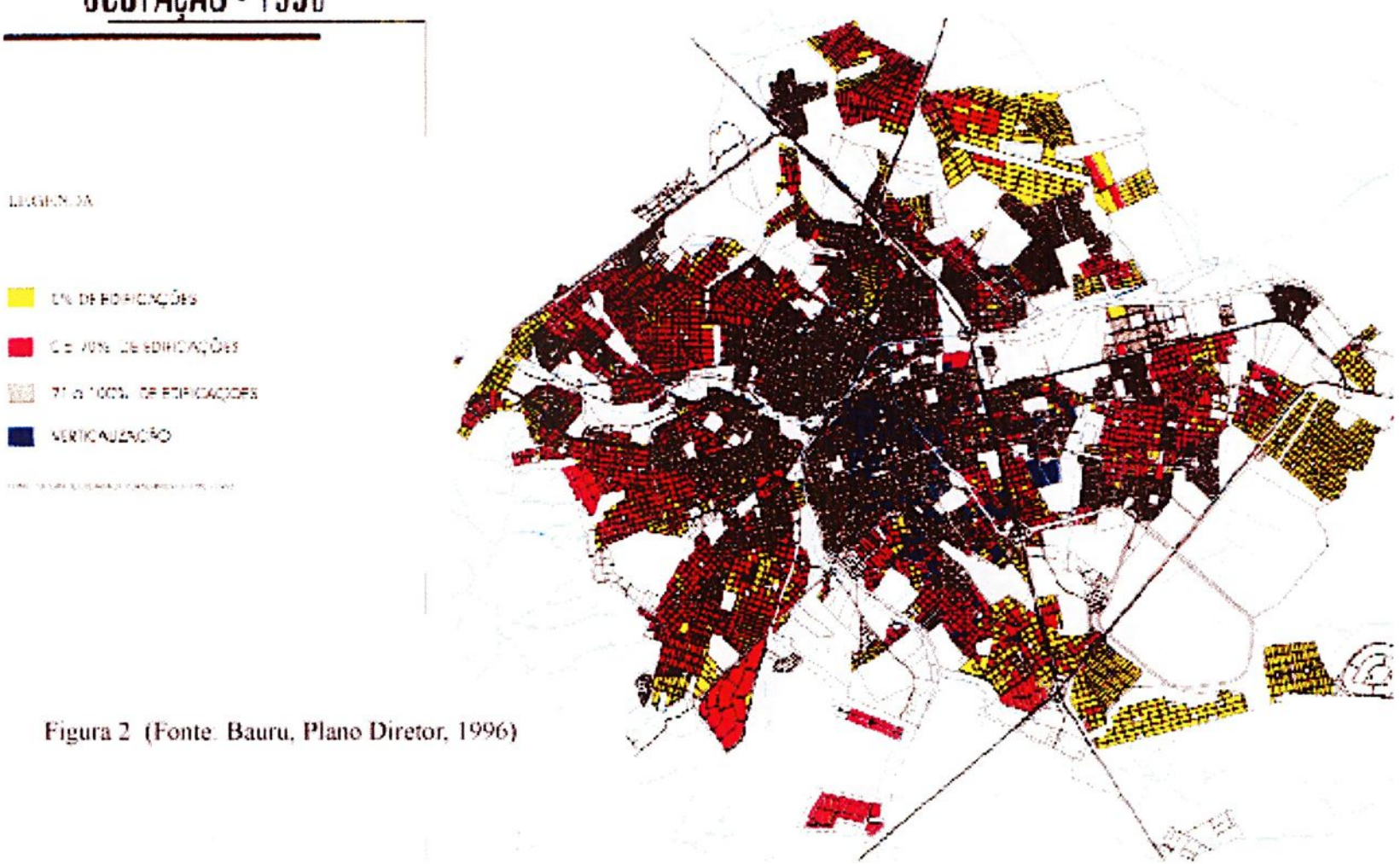


Figura 2 (Fonte: Bauru, Plano Diretor, 1996)

PADRÃO HABITACIONAL

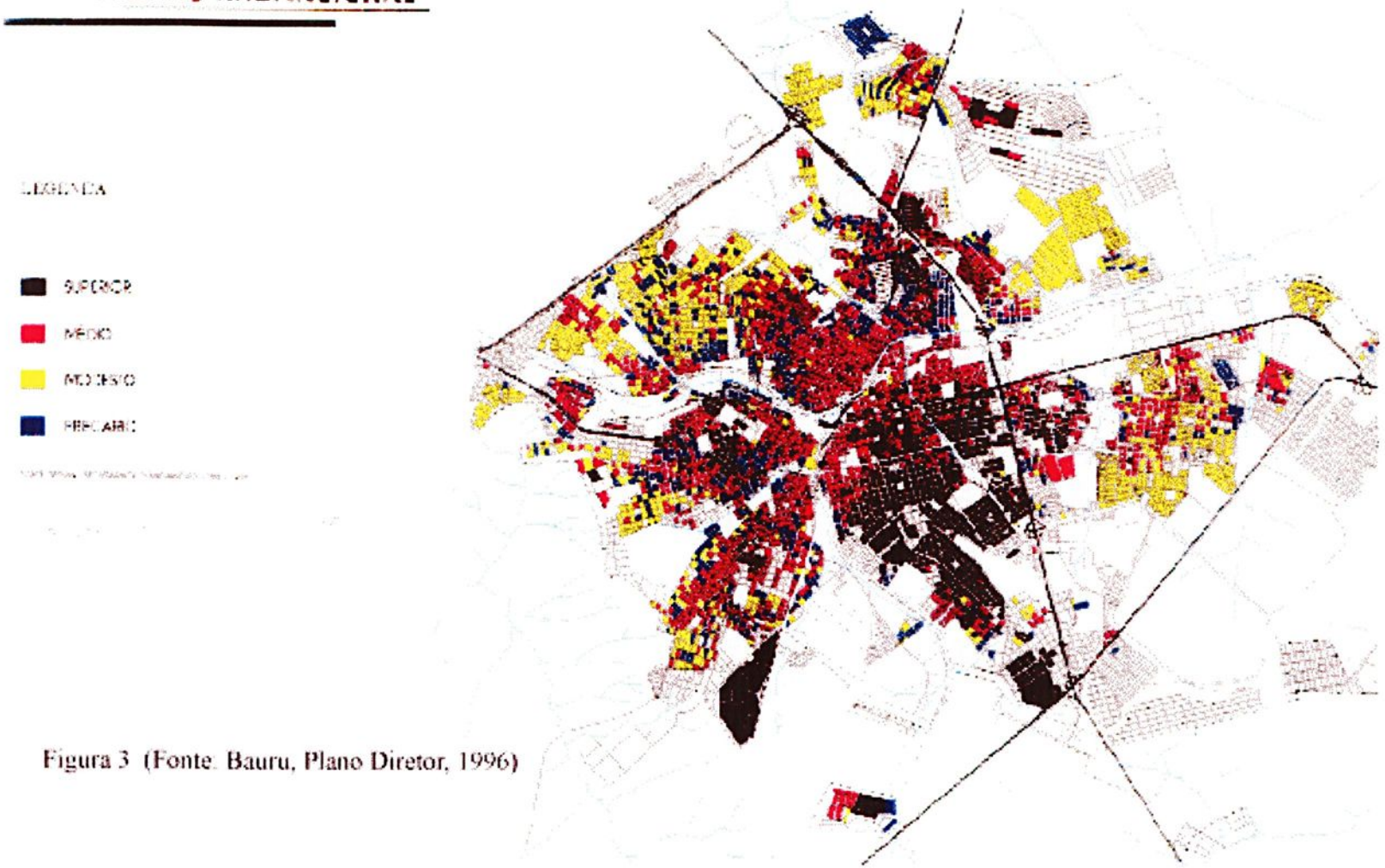


Figura 3 (Fonte: Bauru, Plano Diretor, 1996)

Considerando que a área que apresenta coloração marrom é a de maior densidade habitacional, (excetuando-se a área central, onde predomina a ocupação comercial), composta em grande parte pelos bairros mais antigos, deveríamos ter aí áreas verdes de maiores dimensões ou em maior número, o que não ocorre. Por sua vez, a zona sul aparece muito mais bem equipada do que a zona norte, o que mostra ser ainda atualizada uma observação encontrada no Plano Diretor (1996) a respeito da disposição das áreas verdes referindo-se ao período de 1920-1930: " O sul, denominado Altos da Cidade, sempre foi tratado com maior atenção por parte do poder público, com maior investimento em infra-estrutura, calçamento, praças públicas e arborização."

Uma outra análise que pode ser feita diz respeito a relação entre o padrão habitacional dos diversos bairros e a distribuição das áreas verdes: comparando-se a Carta Praças e Parques (Figura 1) com a Carta Padrão Habitacional (Figura 3), podemos verificar que as áreas de padrão habitacional superior encontram-se concentradas na zona sul da cidade coincidindo com a localização de um maior número de áreas verdes, enquanto que áreas com padrão habitacional modesto encontram-se quase completamente desprovidas desses equipamentos.

4.2.2. Forma

Quanto a forma que apresentam, encontramos as origens das áreas verdes de recreação de Bauru no traçado ortogonal rígido implantado na cidade já no seu primeiro arruamento (Goya, 1990).

unesp

A expansão da cidade ocorrida a partir da chegada da ferrovia (1905, 1906, 1910), fez com que surgissem novos bairros que, apesar de não se colocarem na mesma angulação do arruamento inicial, continuaram sendo executados na forma do tabuleiro em xadrez. O encontro dos novos arruamentos com os antigos, executados em angulação diferente dos já existentes, criaram muitas áreas residuais que se transformaram em praças. Também as sobras do encontro da malha urbana com um curso d'água, da malha urbana com os trilhos da ferrovia e com a rodovia criaram áreas livres que foram incorporadas como praças, (Goya, 1990). Porém, de maneira geral, as formas das praças advêm do traçado ortogonal e têm, geralmente, 88,00 m x 88,00 m que formam as quadras da cidade, ou são pequenas variações.

A aplicação do traçado ortogonal rígido em São Paulo, remonta ao século XVIII, onde tornou-se padrão de crescimento das cidades que nasceram no período colonial e nas cidades surgidas sob os auspícios do café no oeste paulista. Reflexo ou conseqüência de uma visão racionalista na maneira de ordenar a cidade, acabou por condicionar a forma de muitas das praças e parques urbanos.

Ghirardello (1992) enumera os prováveis motivos que fizeram com que as cidades do oeste paulista (a maioria delas criadas ou expandidas sob o ciclo do café e o avanço da ferrovia) tivessem, desde o início, a predominância do traçado em quadrícula:

1- Desde a divisão da terra em capitanias hereditárias era comum o uso da forma quadrada, "légua em quadra" como medida de divisão territorial. "Não é incorreto supor que estas figuras geométricas refletirão na forma das futuras cidades resultantes de antigas demarcações fundiárias e seus desmembramentos, que também obedeciam essa sistemática de parcelamento."

2- A exigência do cumprimento dos códigos de postura pelas câmaras municipais a partir de 1824 pela Constituição do Império.

3- A influência do traçado empreendido na América pelos hispânicos (desde o início ortogonal rígido).

4- A facilidade na execução do traçado em xadrez, pelo seu desenho simples, num momento onde muitas cidades no oeste paulista se expandiram ou se criavam.

5- O fato da terra no Brasil, a partir de 1850, passar a ter valor de mercadoria, levando a se usar limites geométricos no sentido de facilitar sua quantificação.

6- A mudança, a partir do advento da República (1889) e da Constituição de 1891, da forma de organizar o solo urbano, sendo que a igreja deixa de ter o poder de fazê-lo.

7- Citando Yves Bruand, Ghirardello coloca que a regularidade no traçado encontrava ressonância na estética neoclássica trazida ao Brasil pela missão francesa de 1816.

A generalização do uso do traçado em quadrícula está ligado também a idéia do salubrismo. Silva (op. Cit.) quando trata das cidades paulistas que surgiram entre o período colonial e finais do século XIX, precisamente sobre as cidades que nasceram sob os auspícios do café coloca: "Nas últimas décadas do século XIX considerável extensão do território de São Paulo está tomada pelo café, desenvolveu-se o sistema ferroviário, diversificou-se a produção agrícola para abastecer a agora complexa rede urbana, as cidades modernizaram-se, assim como as relações de trabalho. (...) À medida que se desenvolve e cria raízes, a economia capitalista também transforma o solo urbano em mercadoria, com valor de troca e de uso. Toda a legislação urbanística, paulatinamente criada, visava em certo sentido, a disciplina do uso do solo. Tais

unesp

elementos são demonstrativos das alterações urbanas produzidas pela economia de então, processo este iniciado logo após a independência. São demonstrativos do mesmo processo, a ampliação do poderio laico, em detrimento do clerical. Esta legislação virá consolidar a regularidade dos traçados urbanos, definirá as dimensões mínimas dos logradouros, bem como procurará dotar as cidades de equipamentos mínimos necessários (parques, praças, etc.). Como exemplo, podem ser citadas as tramas urbanas das cidades de Ribeirão Preto, Araraquara e Bauru, dentre muitas outras autênticos exemplares de cidades do café, diga-se capitalistas saudáveis." (Silva, 1996).

A causa do aparecimento dessa mentalidade está ainda no século XVIII: "No Brasil as epidemias dizimavam periodicamente muitos habitantes e o quadro só não era crítico, como na Europa, graças à dispersão da população pelas áreas rurais e à pequena magnitude dos núcleos urbanos. (...) Apesar das pequenas dimensões dos núcleos urbanos e da baixa densidade populacional, o medo das epidemias estava tão arraigado na vida, que parte dos postulados que auxiliavam a construção de cidades, estabelecia como ideais os sítios elevados, bem ventilados, evitando a estagnação do ar; distante, o quanto possível, de locais onde houvesse emanações aeróbicas. A mesma preocupação estava presente na determinação das ruas corredor, mais largas e "direitas", ou seja, retilíneas, que possibilitavam a livre circulação do vento. Estas soluções, presentes em muitas cidades paulistas do período, podem ser até hoje observadas. Assim, as cidade novas, iniciadas a partir do século XVIII serão ordenadas segundo estes postulados, tratando de garantir com seu traçado um 'ambiente' saudável". (Silva, 1996)

unesp

4.2.3. Dimensões

Quanto as dimensões, das 175 praças relacionadas por Constantino (1995), predominam as que possuem menos de 0,5 ha (46,20% do total); existem 13,71% com área entre 0,5 e 1 ha, e apenas 3,4% com mais de 1 ha.[3]

O fato de quase 50% do total possuírem menos de 2.500 m2 restringe o papel que essas áreas podem desempenhar. Com estas metragens o aproveitamento mais provável é o de pequeno jardim. O problema é agravado quando se constata que, para desempenhar outro papel ou conter algum equipamento, como um campo de futebol, por exemplo, existem pouquíssimas áreas com dimensões suficientes.

Como vimos no capítulo anterior Cavalheiro (1992) sugere para parque de vizinhança as seguintes áreas:

	Área mínima
até 6 anos	150 m2
6 a 10 anos	450 m2
10 a 17 anos	5.000 m2

Espaços de 150 e 450 m2 são adequados somente para play-grounds, daí estarem indicados para crianças de até 10 anos. Parques que permitem uma abrangência maior em termos etários devem ter, pela tabela, no mínimo 0,5 ha, o que significa que apenas 17,11% das áreas que compõem o sistema

---

[3] *Os 36,69% restantes são compostos por praças consideradas por Constantino (1995) como áreas residuais. Outras foram descartadas por nós pelo fato de desempenharem a função de estacionamento, estarem ocupadas com edifícios públicos como núcleos de saúde, escolas e igrejas ou por possuirem menos de 1200m2. É importante colocar que um levantamento mais rigoroso poderia excluir outras, pois espaços extremamente estreitos ou perímetros irregulares são de difícil aproveitamento*

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

de Bauru estão adequadas para parques de vizinhança.

Consideramos a questão dimensional de menor importância. Se enquadrássemos alguns dos parques de Barcelona, reconhecidos como de grande qualidade, na tabela de Cavalheiro, verificaríamos que apresentam dimensões abaixo do ideal, no entanto, o problema do sistema de áreas verdes barcelonês não está nas dimensões desses parques e sim no grande número de bairros que ainda precisam ser equipados.

No caso de Bauru, no entanto, o tamanho excessivamente diminuto das peças compromete a qualidade de cada uma. Se, ao invés de 175 praças, possuíssemos a metade com dimensões mais generosas, o aproveitamento seria maior.

Agravando ainda mais a situação, não há nenhuma área suficientemente grande na cidade que se enquadre como um parque de atendimento a toda a população urbana. O ideal seria que existisse uma ou duas áreas de dimensões generosas (≅ 20 ha), que comportassem uma série de atividades. O parque onde se situa o anfiteatro Vitória Régia, apesar de possuir qualidades dimensionais, não é adequado em outros aspectos (como veremos à frente).

4.3. Significados e características físicas.

Piazzas, gardens, squares, jardins e parques são denominações para áreas de uso público que estão intrinsecamente ligadas às cidades que as conceberam.. A cidade do Renascimento e do Barroco, por exemplo, gerou a praça que na acepção de Lamas (1996), é entendida como "um elemento morfológico das cidades ocidentais e distingue-se de outros espaços que são o resultado acidental de alargamento ou confluência de

unesp

traçados - pela organização espacial e intencionalidade de desenho. Esta intencionalidade repousa na situação da praça na estrutura urbana, no seu desenho, e nos elementos morfológicos (edificios) que a caracterizam. A praça pressupõe a vontade e o desenho de uma forma e de um programa. Se a rua, o traçado, são os lugares de circulação, a praça é o lugar intencional de encontro, de permanência, dos acontecimentos, de práticas sociais, de manifestações da vida urbana e comunitária e de prestígio, e, conseqüentemente, de funções estruturantes e arquiteturas significativas. (...) A definição de praça na cidade tradicional, implica, como na rua, a estrita relação do vazio (espaço de permanência) com os edificios, seus planos marginais e fachadas. Estas definem os limites da praça e caracterizam-na, organizando o cenário urbano. A praça reúne a ênfase do desenho urbano como espaço coletivo de significação importante. Este é um dos seus atributos principais e que a distingue de outros vazios da estrutura das cidades."

Já a praça medieval, que também é estruturada por edificações, tem características diversas: "Paul Zucker, em **Town and Square**, classifica as praças medievais em categorias que poderiam ser resumidas nas seguintes: praças de mercado; praças de entrada de cidade; praça como centro de cidade; adro de igreja; praças agrupadas (praças distintas como a do mercado e da igreja, espacialmente relacionadas na trama urbana)" (Segawa, 1994). Estas são marcadas pelo desenho irregular.

Um outro espaço significativo e que vale lembrar aqui são as squares inglesas que, de acordo com Morris (1984) tem, em Covent Garden (1630), o primeiro exemplo (hoje totalmente desfigurada). Elas apareceram com a primeira expansão de Londres para oeste e se baseiam em uma combinação entre praças residenciais e ruas ortogonais. Essas praças costumam ser ajardinadas, proporcionando a base da vida familiar

unesp

urbana, (...), espremida, pelos problemas da moradia em série (Morris, 1984).

Quanto ao parque público, apresenta outras características. Aparece (como vimos no primeiro capítulo) no momento em que o crescimento estrondoso da cidade coloca o homem citadino numa situação de estranhamento frente ao movimento e número de pessoas nas ruas, frente à asfixiante quantidade de construções e a inexistência de elementos naturais no meio urbano. Por isso surge como um espaço de evasão. Quando estamos no Hyde Park, no Green Park ou no Saint James Park (os primeiros parques públicos da história), a cidade ao redor desaparece, e é importante lembrar que eles se encontram ao lado da City, a área mais central e densa de Londres. Os ruídos do trânsito só começam a ser percebidos, lentamente, conforme vamos nos aproximando das bordas do parque. Essas particularidades se devem ao grande porte dessas áreas onde a vegetação (principalmente o extrato arbóreo) é o elemento estruturador mais importante.

Entre nós, o espaço público historicamente mais significativo é a praça, que deve sua existência aos adros de nossas igrejas: "Uma igreja, uma praça, regra geral nas nossas povoações antigas. Os tempos, seculares ou regulares, raramente eram sobrepujados em importância por qualquer outro edifício (...) a praça servia ao acesso fácil dos membros da comunidade, à saída e ao retorno das procissões, à representação dos autos-da-fé. E, pelo seu destaque e proporção, atendiam também as atividades mundanas, como as de recreio, de mercado, de caráter político e militar" (Marx, 1980).

Já o jardim público aparece no Brasil no fim do século XVIII, ligado à pesquisa e ao lazer da população urbana. Com a vinda da família real, surgem em maior número os jardins privados. Introduzem-se, além

unesp

das plantas exóticas, muitas espécies de nossa flora. Este florescer da jardinagem mostra-se importante para o enriquecimento da paisagem urbana e sua conseqüente transformação.

A difusão dos jardins públicos pelas povoações de menor porte e interioranas, coincidem com maiores cuidados, nas cidades mais importantes, em arborizar e em ajardinar os logradouros existentes, ou os que iam surgindo. "E o sucesso dessa transformação foi tal, que logo se perdeu a noção das peculiaridades diferentes de uma praça e de um jardim. (Marx, 1980).

Em Bauru, das quase duas centenas de espaços recreativos, a dois denomina-se parque, três são conhecidos como Bosques, enquanto que todo o restante recebe a denominação de praça. Aqui parece haver a situação identificada por Marx (1980) em relação à perda da noção das características de uma praça e de um jardim, pois, apesar de serem identificadas pelo nome de praças, apresentam a maior parte do piso revestido com forração (grama), que define alguns poucos caminhos para pedestres. A presença do elemento verde é uma constante. As atividades características de praças raramente acontecem, as vezes alguma missa campal, um show patrocinado por um candidato em campanha, mas no geral são espaços amorfos.

De outro lado, se analisarmos os espaços públicos contemporâneos, veremos a dificuldade em associar o nome, que está ligado a suas funções originais, ao papel que desempenham hoje. Isso advém do fato que a cidade contemporânea não é a mesma que deu origem ao nome do espaço e seu papel dentro do contexto urbano também mudou. Em Barcelona, temos um exemplo, nas recentes intervenções, em alguns casos as funções do jardim e da praça se misturaram criando a praça-jardim. (Farrando, 1993)

unesp

O conceito de parque público, no decorrer deste século sofreu algumas transformações (a maioria ocorridas nos Estados Unidos). Já não entendemos um parque necessariamente como um espaço de grandes dimensões, como os originais ingleses (basta lembrar dos pocket-parks), mas continuam incorporando uma diversidade de funções e a presença de equipamentos para o lazer ativo são quase sempre uma constante entre todos.

Existe ainda a constatação de que cada espaço e sua respectiva denominação traz significados que diferem de cultura para cultura, de país para país.

No caso de Bauru, para além da perda da noção entre as peculiaridades de uma praça e de um jardim, depreende-se da extrema homogeneização na denominação e das condições que apresentam um grande descaso e desconhecimento das administrações públicas da cidade com essas áreas.

Visitando um total de 28 praças, obedecendo a uma metodologia "ad hoc" pudemos observar sistematicamente as características físicas gerais das áreas verdes de Bauru. Essa metodologia foi organizada com a divisão da cidade em círculos cujo centro foi posicionado na Praça Machado de Mello (área central junto a Estação Ferroviária). Esse círculo apresenta um raio de 1.000 metros. A partir do primeiro círculo estabelecemos outros mantendo a mesma distância: os 1.000 metros. Do interior dos anéis formados pelos círculos, como também do círculo central, destacamos quatro praças. Cada praça foi escolhida dentro de um quadrante, ou seja, escolhemos uma ao norte, outra ao sul, leste e oeste. Conforme os círculos foram ficando maiores selecionamos praças a noroeste, nordeste, sudoeste e sudeste.

unesp

Utilizamos o levantamento feito por Constantino (1995) que identifica o posicionamento das praças na cidade

O critério escolhido para o estabelecimento da metodologia levou em conta a forma como ocorreu a expansão da cidade ou seja concêntrica.



Exemplo de praça em área residual, Vila Falcão. (Arquivo: Emilia Falcão Pires)

Observamos, como já havia sido constatado por Constantino (1995) a falta de projeto paisagístico nesses espaços (em algumas praças percebe-se que há projeto de plantação), as únicas que têm realmente um tratamento são as que descreveremos a frente com o texto "Espaços Significativos da Cidade" e que se localizam todas na região sudeste com exceção do Parque Boa Vista.

unesp

Procuramos excluir da pesquisa as áreas residuais, selecionando as que possuem área superior a uma quadra. Apenas duas exceções foram feitas: as praças localizadas na Rua Severo Martins com Rua Albuquerque Lins (Vila Falcão) e a Rua São Domingos com Rua São Simão (Núcleo Residencial Jardim Redentor).



Exemplo de praça com projeto de plantação (Arquivo: Emilia Falcão Pires)

Das 28 praças visitadas, três não existem pois na relação de Constantino (1995) constam todas as praças que receberam denominação pela Câmara Municipal mesmo que o loteamento não esteja ocupado (são as praças oficiais). Uma delas (localizada na Rua Tuffy Saab com Rua

Gustavo Maciel) encontra-se numa área erodida e aterrada com entulho de construção e sem ocupação.

Nove praças encontram-se ocupadas com equipamentos comunitários: escolas, centros esportivos, igrejas, unidade de atendimento ambulatorial de emergência e até mesmo a sede do Ibama em Bauru está em uma praça. A utilização dessas áreas com esses equipamentos é, a nosso ver, positiva pois a maioria desses espaços estão subtilizados, são mal posicionado e não podem ser caracterizados de outra forma além de vazios urbanos. Poucos têm dimensões que possam receber um projeto interessante e a maioria encontra-se escondida em ruas com ocupação exclusivamente residencial e de trânsito local. Um parque, praça ou bosque, como se queira chamá-lo, deve estar localizado de modo a ser visto e convidar ao uso. Consideramos que tão importante quanto um entorno funcional dinâmico como preconiza Jacobs (1973) a localização junto a uma via movimentada determina a procura ou não a uma área verde de recreação.

Um exemplo interessante de apropriação de uma praça por outros equipamentos fica na Rua Artur Gonçalves com Rua Manoel Macedo (Núcleo Residencial Beija-Flor), no local existe hoje uma horta comunitária, uma escola de primeiro grau, e um pequeno campo de futebol.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18



Praça ocupada por escola, horta comunitária e campo de futebol (Arquivo: Emilia Falcão Pires)

De todas as praças visitadas três apresentam boas dimensões, estão localizadas entre vias de movimento e duas delas têm um entorno imediato com comércio, escola, bancos, etc. o que justificaria receberem um projeto paisagístico completo. Uma delas é bastante conhecida, a Praça Portugal, e necessitaria de uma remodelação no sistema viário para que se tornasse menos fragmentada. Outra, conhecida como Praça do Cruzeiro, fica no Jardim Marambá e está numa área que pode ser caracterizada como centro de bairro.

A terceira está localizada na Avenida José Henrique Ferraz com Rua Nicolau Constantino no Jardim Ferraz, apresentando dimensões apropriadas para um pequeno parque. Está próxima a um corredor comercial (Av. Castelo Branco) e a um núcleo residencial de padrão popular.(Esta última não teria prioridade pois têm densidade baixa).

Duas praças, uma no Núcleo Residencial Mary Dota (Rua Cabo Torelli Agnelli) e outra no Núcleo Residencial Geisel (Rua Alziro Zarur) poderiam transformar-se em espaços significativos para os respectivos bairros caso fossem ampliadas com a desapropriação de edificações vizinhas.

Finalizando, as praças foram visitadas aos sábados e domingos no verão. Em três delas havia pequenos campos de futebol e em uma jogava-se voley.

4.4. A questão ambiental em Bauru e as áreas verdes.

Uma vertente do paisagismo contemporâneo, que trabalha numa linha denominada desenho ambiental (da qual já falamos anteriormente), preconiza o respeito às restrições naturais à ocupação humana. Desse modo, trechos de territórios suscetíveis a degradação (caso sejam usados com ocupação urbana ou para fins agrícolas) devem ser declarados como área de preservação permanente e colocados à disposição da população como áreas de lazer.

Em Bauru, o Plano Diretor de 96 propõe a criação de áreas especiais de proteção e preservação designadas pela sigla APA - Área de

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Proteção Ambiental - e sugere a ocupação dessas áreas para fins de recreação e turismo ambiental.[4]

Também estabelece para os fundos de vale o aproveitamento como áreas para parques permitindo o transbordamento natural dos rios e córregos nos períodos chuvosos e quando não, áreas de lazer para a população.

Além dessas áreas identificadas como suscetíveis a degradação, Bauru apresenta um grave problema ambiental, que se constitui em grandes trechos já degradados pela presença de boçorocas em meio urbano e rural. "Atualmente a área urbana de Bauru encontra-se intensamente degradada por dezenas de erosões lineares (ravinas e boçorocas) de médio e grande porte (sendo as principais 30)..." (Cavaguti, 1995). Elas foram "geradas pela atividade humana, através do uso e ocupação do solo efetuado de maneira inadequada, sem critérios técnicos que levassem em consideração o meio físico. Desmatamentos, queimadas, caminhos, vicinais ou mesmo rodovias sem infra-estrutura drenante adequada; núcleos habitacionais com ruas de traçado incorreto, não pavimentadas e sem rede de drenagem pluvial ou, quando presente, sem estrutura de dissipação de energia nos pontos de descarga- têm causado a concentração do processo erosivo. (...) As primeiras erosões surgiram

---

[4] *APA 1 - Situada a oeste da mancha urbana definida pela faixa de terra compreendida entre a margem direita do Rio Batalha até a escarpa da encosta, limite do perímetro urbano, desde a Rodovia 294 até a Rodovia 225 - Bauru/Ipauçu. É área rural, com grande suscetibilidade a erosões e atual manancial abastecedor de água. Sua preservação é de grande importância, pois dele depende o abastecimento de 60% da população do Município.*
APA 2 - Situada a sudeste do município, formada pelas áreas particulares e institucionais, tais como: parte da Reserva da Sociedade Enéas de Carvalho Aguiar, parte da reserva da Unesp e áreas anexas ao Parque Ecológico Municipal. São áreas de mata nativa essencial para preservação da fauna e flora. Importante maciço de vegetação, fonte de pesquisas e estudos ambientais.
APA 3 - Situada a noroeste da mancha urbana definida pela faixa de 1.000m ao longo da margem direita do Córrego da Água Parada desde a sua nascente próxima à Rodovia Bauru/Marília até o seu cruzamento com a Rodovia Marechal Rondon. Trata-se de área situada fora do perímetro urbano, de propriedade particular e de produção rural. Tem grande suscetibilidade a erosão e compõe-se como uma das alternativas de manancial de abastecimento de água.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

próximas à atual zona central. À medida que a cidade foi se desenvolvendo, estas áreas centrais degradadas foram sendo recuperadas; porém, novas erosões de grande porte foram surgindo na faixa periférica. Desta forma, as erosões foram sendo 'deslocadas' para as sucessivas 'faixas periféricas de crescimento', aumentando em número e periculosidade." (Cavaguti, 1995)

As características naturais que propiciam o aparecimento da erosão em Bauru são as do solo arenoso (com predominância de latossolo vermelho-escuro, textura arenosa média, e faixas de solo glei ao longo dos fundos de vales), declividades entre 12 e 20% em rampas longas e o posicionamento favorável do lençol freático.

A adoção de soluções técnicas específicas como aterros e controle da drenagem natural para as boçorocas passa, em seguida, pela recomposição da vegetação sobre essa área sensível que não pode receber qualquer edificação antes que seu solo volte a se estabilizar. Nesse percurso, a recomendação para que se estabeleça uma área de lazer também é válida. Um exemplo desse procedimento é encontrado na própria cidade de Bauru no Anfiteatro Vitória Régia, e no Bosque da Boa Vista sobre os quais voltaremos a falar mais à frente.

4.5. Espaços significativos da cidade.

Estudar alguns espaços existentes e seus usos na cidade nos ajuda a entender o significado dessas áreas para sua população objetivando subsidiar ações futuras.

unesp

4.5.1. Praça Rui Barbosa

Com uma área de 0,77 ha, reconhecida e saudosamente lembrada como um dos espaços de maior qualificação da cidade, a praça Rui Barbosa, desenhada como jardim, encontra-se hoje apenas na memória da população pois sofreu uma reforma em 1991 que mudou completamente suas características.

Inaugurada em 1914, teve projeto e direção técnica do engenheiro, formado pela politécnica, de Heitor de Andrada Campos, que nessa época trabalhava para a prefeitura municipal. "Valendo-se de fartos recursos econômicos e técnicos, Heitor de Andrada Campos cria uma praça de linhas românticas e pitorescas dentro das características das novas áreas públicas de São Paulo e Rio. A Praça colocava a cidade em sintonia com o que havia de mais moderno à época, trazia pela primeira vez ao sertão do Estado uma contemporaneidade que se destacava em toda a paisagem urbana." (Ghirardello, 1994)

Estruturando a praça havia o edifício da Câmara, a Nova Igreja Matriz, o comércio e residências.

O novo desenho certamente criou novos hábitos de uso. Segawa (1996) em "Ao Amor do Público" mostra as características do jardim público desde seu nascimento até os exemplares brasileiros ressaltado que ele tem como função promover uma sociabilidade cheia de formalismos.

Ghirardello caracteriza o começo do século no Brasil "como sendo um período onde novas forças começam a sobrepor-se as antigas, onde tradição e modernidade se confundem e se mesclam". Ele identifica questões de propriedade da terra desse período que influíram na história da formação da cidade e que acabaram por marcar a transformação do antigo largo em jardim público. O conflito pela posse de áreas públicas entre a Igreja e o poder civil local num momento em que o solo urbano se

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

valoriza; o crescimento de atividades culturais, sociais e políticas tendo como palco o inóspito largo descampado; a difusão da prática do ajardinamento dos logradouros públicos que teve início na segunda metade do século passado no Brasil, foram os acontecimentos que marcaram a criação da Praça Rui Barbosa.

É de nossa hipótese que a Rui Barbosa serviu de "modelo" para todas as outras praças bauruenses implantadas depois dela.

A reforma que esse espaço recebeu recentemente, e que a descaracterizou como jardim público, foi causada por transformações peculiares à maioria dos centros urbanos contemporâneos. Com o crescimento da cidade o centro passou a ser ocupado cada vez mais e tão somente pelo comércio e com escritórios de serviços, ocasionando a transferência paulatina da população residente e uma especialização funcional do centro.

Hoje, a discussão generalizada em torno da decadência de áreas centrais associa a transformação de espaços públicos vivos e dinâmicos em espaços amorfos à mudança funcional no seu entorno. Esse diagnóstico pode ser aplicado à Rui Barbosa que acabou sofrendo ao longo dos anos um processo de degradação que possibilitou a ocupação da área por desocupados e marginais que aí se instalavam fora do horário comercial. Em tal situação, normalmente, cria-se um circulo vicioso onde a atração que o lugar exerce sobre a população diminui e amplia-se a ocupação pela marginalidade.

Por volta de 1990 a municipalidade tomou a iniciativa de promover a reforma do lugar objetivando a expulsão de desocupados e meliantes. Foi desse modo que se perdeu o espaço ajardinado e que surgiu uma praça com grande área de piso impermeabilizado ornamentada com algumas poucas arbóreas poupadas da densa vegetação existente.

unesp

Essa intervenção pautada exclusivamente em uma modernização superficial não teve o poder de reconduzir aquela quadra ao seu posto de espaço público significativo e de lhe devolver a adesão ao uso que , passada a primeira fase festiva, continuou a mesma.

Por outro lado a nova praça nos traz algumas lições relevantes no aspecto formal.

A ambigüidade existente entre a praça e o jardim no contexto das áreas verdes da cidade se justifica quando percebemos que o resultado da nova Rui Barbosa é extremamente inóspito sob o aspecto do conforto térmico[5]. A imagem da grande praça seca existente em outras partes do país que permite grande aglomeração de pessoas e envolve um sem número de acontecimentos, não cabe aqui. As características climáticas da cidade[6] implicam numa grande necessidade do elemento vegetal especificamente do extrato arbóreo compondo o desenho do espaço público.

Se o lugar por sua posição no contexto urbano pede área de piso impermeabilizado propiciando espaço para aglomerações, deve-se ter o cuidado de dimensioná-lo corretamente evitando grandes extensões expostas ao sol, e sempre que possível lançando mão do uso do elemento arbóreo.

---

[5] Mecca (1991) faz um estudo denominado "Análise do desempenho térmico da Praça Rui Barbosa" cujo resultado mostra as condições de desconforto que imperam na praça com o novo desenho.

[6] Os registros das temperaturas máximas indicam que temperaturas elevadas podem ocorrer em qualquer mês. e que não estão nunca longe de 30°. Apenas em julho a média das temperaturas mais elevadas cai abaixo de 30°.(IPMet. 1974)

unesp

UNESP

4.5.2. Parque das Nações - Praça da Paz

A Praça da Paz e o Parque das Nações apresentam 0,40 ha e 4,00 ha respectivamente.

Procuramos analisá-las simultaneamente por considerarmos que formam um conjunto ao se situarem ao longo do eixo da Av. Nações Unidas. A Avenida Nações Unidas é caracterizada por ocupações de uso residencial, institucional (COHAB, OAB, etc.) alguns escritórios de serviços, um banco, hotéis e principalmente restaurantes e lanchonetes, que a transformam num importante eixo de lazer não só para a cidade como também para a região. A canalização do Córrego das Flores dando origem a avenida de fundo de vale foi feita em 1976.

As duas áreas verdes recreacionais aí estabelecidas apresentam aspectos muito diversos que vão desde as diferenças nas suas dimensões até a apropriação de seus espaços pela comunidade.

Apesar de contar com uma área de grandes proporções principalmente em relação ao maioria das áreas verdes de recreação da cidade; e de estar bem localizado o Parque das Nações não é uma área usada pela população, permanece subtilizado todos os dias da semana, em todas as semanas do ano.

Pelas características do entorno o parque deveria apresentar-se sempre movimentado. Jane Jacobs (1973) ao identificar os aspectos fundamentais para que um parque público seja convidativo ao uso, e mantenha-se sempre cheio de vida, atribui ao entorno com funções diversificadas uma das principais razões para o seu sucesso. Considera que mesmo uma solução formal medíocre (pão com manteiga nos seus dizeres) pode garantir ao parque um uso intenso.

Nº 771
BIBLIOTECA - UNESP
CAMPUS DE BAURU



Parque das Nações (Arquivo: Eduardo Martins Cintra)

No caso deste parque o entorno de grande diversidade funcional pouco ajuda na adesão das pessoas ao seu espaço. Ele permanece freqüentemente vazio e desempenha mais o papel de cartão postal da cidade do que de área pública no sentido de apropriação do seu espaço pela população.

Encontra-se onde havia se instalado uma erosão junto a algumas nascentes do Córrego das Flores. Foi inaugurado em 1978, com projeto do arquiteto Jurandyr Bueno Filho, que mais tarde projetaria também a nova Praça Rui Barbosa.

Oswaldo Sbeghen era o prefeito na época e tinha o objetivo de recuperar a área, bem próxima ao centro, que encontrava-se deteriorada por uma erosão.

Criando uma centralidade para o lugar e enfatizando a característica de cartão postal construiu-se um lago que preserva as nascentes, e sobre o lago um anfiteatro ao ar livre (o anfiteatro Vitória Régia).

Identificar os motivos que fazem com que o parque não cumpra suas funções enquanto espaço recreacional não é tarefa simples, porém alguns pontos podem ser considerados: o primeiro deles é a barreira física em que a própria Avenida Nações Unidas, com seu fluxo pesado de automóveis, representa em um dos limites do parque. A população dos bairros situados na vertente oposta tem grande dificuldade na transposição dessa barreira. Caso não existisse essa limitação o local seria muito aproveitado pelos alunos de uma escola de primeiro e segundo graus existente nas imediações. Já nos limites opostos a avenida não temos barreira alguma e ainda assim o lugar está sempre vazio. Essa constatação é mais surpreendente quando observamos que existe um hospital em suas imediações com grande movimentação de pessoas.

Podemos considerar mais algumas questões como importantes para a presente situação do parque, a primeira delas diz respeito a aridez causada pela pouca arborização do local e também pela dificuldade das espécies em se desenvolver. Essa dificuldade provavelmente está associada a incompatibilidade entre as espécies escolhidas e a presença muito superficial do lençol freático.

Uma outra questão se liga a abertura de amplas visuais oferecidas pelo parque, permitindo que com poucos lances de olhar se desvende quase todo o espaço. Não existem espaços mais intimistas, ou surpresas nos percursos. A falta de um projeto de vegetação adequado torna a escala do parque grande em relação a proporção humana provocando certa frieza no ambiente.

unesp

A quase completa inexistência de equipamentos mesmo os mais simples como bancos e bebedouros, e a posição ilhada por uma rua do único play-ground existente no lugar contribuem para entender porque o espaço não é procurado. Esses detalhes parecem mostrar a intencionalidade do projeto em caracterizar o espaço como uma área para ser vista e não usada. Enfatizando essa conclusão a solução encontrada para a concha acústica do palco no centro do lago marca o espaço e funciona como uma grande escultura ao ar livre.



Praça da Paz (Arquivo: Emilia Falcão Pires)

Já a Praça da Paz, projetada pelo arquiteto Nilson Ghirardello, difere grandemente do Parque das Nações pela apropriação e adequação do desenho. Situa-se em frente a dois prédios residenciais e a um edifício que abriga três andares com lojas de produtos diversos , entre eles lanchonetes e cafés e um hotel. Esses edifícios proporcionam um fechamento para a praça em dois lados, em termos de insolação fica aberto o quadrante sul.

A praça é dividida pelo desenho em dois espaços distintos: o superior que abriga um jardim com floreiras e algumas arbóreas - num platô com nível mais alto e o inferior de maior dimensão e também com maior área de piso impermeabilizado caracterizado originalmente como praça cívica.

O platô superior fica no mesmo nível da entrada do edifício comercial e é usado pela vizinhança imediata dos prédios residenciais. A disposição das jardineiras e as árvores produzem um espaço de caráter mais intimista.

Originalmente a proposta da praça cívica tinha o objetivo de servir como espaço para a recepção de visitantes oficiais (pela sua posição junto a entrada da cidade), para tanto apresenta uma pequena plataforma centralizado num nível pouco superior ao do piso normal. Tais eventos nunca ocorreram talvez pela falta de algum edifício público de modo a tornar compatível essas atividades com o lugar. No entanto tem se adequado a diversão de crianças e adolescentes que brincam com "skates", sendo reconhecido como "point" desse esporte.

Junto ao pequena plataforma no platô inferior, aparece a escultura de um pássaro em bronze, implantado no centro de um espelho d'água. Palmeiras marcam o cenário.

A duplicidade de funções entre jardim e praça pode ser um dos motivos pelo qual o espaço é tão bem aceito. A segurança representada pelas muitas janelas dos prédios vizinhos também. Com certeza a presença de um edifício comercial traz uma influência muito positiva.

A praça é mais usada nos finais da tarde quando o sol não incomoda os usuários. Carrinhos e traillers estacionam na calçada junto a face sudoeste espalhando mesas e cadeiras e vendendo lanches rápidos.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

A Praça da Paz para Bauru, se caracteriza como um espaço de grande riqueza formal.

4.5.3. O Bosque da Comunidade

O Bosque da Comunidade se destaca de todas as áreas vedes de recreação de Bauru pela adesão ao seu espaço por parte da população.

Apesar de ter as características de um parque de vizinhança tem o afluxo da população de vários bairros vizinhos.

Pode ser visto como um espaço democrático pela fruição de seu espaço por pessoas de várias classes sociais, mesmo estando em um bairro longe do centro e considerado nobre.

É usado como modelo quando Associações Amigos de Bairro solicitam áreas verdes de recreação junto a Secretaria do Meio Ambiente. Desse modo serviu como referência para a criação do Parque Geisel e do Parque Boa Vista.

A característica a ser imitada seria a da presença maciça da vegetação, que torna o clima da área sensivelmente mais ameno que o entorno.

O projeto para o local foi elaborado pelo engenheiro agronômo Roberto Graziadei, e uma de suas principais qualidades é a adequação de equipamentos e a diversidade de situações que apresenta independente do fato de não possuir grande dimensão.

unesp



Bosque da Comunidade (Arquivo: Emilia Falcão Pires)

Foi inaugurado em 1980 pelo então prefeito Oswaldo Sbeghen que levou a população a se envolver com a instalação do parque solicitando a doação de mudas de árvores exóticas e nativas.

Com aproximadamente 1,5 ha o Bosque conta com uma pista para caminhada de 550 metros, um pequeno lago, um quiosque e uma locomotiva. Recentemente uma geodesia metálica foi substituída por brinquedos convencionais para crianças. Algumas aves vivem soltas no local: um pequeno bando de gansos, galinhas d'angola e patos.

Os caminhos se acomodam a topografia natural e são pavimentados com asfalto.

Um fator que dá dinâmica ao ambiente é a diferenciação de níveis. Pelo fato da topografia ser irregular e o parque estar estruturado basicamente com arbóreas existem sempre situações novas que apenas são divisadas conforme se faz o percurso, tanto da pista para caminhada (que contorna todo o parque) quanto do passeio mais largo que está implantado

em seu miolo. As árvores estão organizadas em massas fechadas passando a impressão que tiveram crescimento espontâneo. Entre as espécies encontradas estão o Cinamomo, o Chapéu de Sol, Pau-ferro, Pau-Formiga, Canelinha, Flamboyant, Guapuruvu, Ipê-amarelo, Peroba-rosa, Figueira, Grevilha Robusta, Jambolão, Farinha seca, Unha de vaca, Seringueira, Tipuana, Magnólia, Cedro, Timburí, Quaresmeira e até alguns Pinheiros, além de alguns exemplares de nativas do cerrado que já se encontravam no local . Há uma situação de competição e uma constante seleção natural onde espécies que necessitam de insolação e apresentam pequeno e médio porte acabam morrendo em função do sombreamento das maiores.

Um aspecto de maior cuidado seria dado caso a área fosse revestida por alguma forração ou por herbáceas. Praticamente não existem extratos arbustivos, que poderiam contribuir muito para o embelezamento da área. A extrema proximidade das árvores provoca contrastes muito fortes entre áreas de sombra e luz. Há também falta de harmonia entre as proporções das construções do entorno e o volume da vegetação que toma a quadra ocupada pelo parque.

É um espaço de grande adesão por parte da população e que apresenta sempre muita movimentação. A ocupação predominante é de mães e crianças, namorados e principalmente de pessoas fazendo caminhadas. O Bosque apresenta uma qualidade excepcional ao permitir alguns recantos com abertura para o movimento da rua e da trilha para caminhada, alguns recantos mais fechados e intimistas, além de que possibilita que da rua se divise o movimento do seu interior.

Ao contrário do que preconiza Jacobs (1973) é um espaço cheio de vida apesar de encontrar-se num entorno de monotonia funcional (o

unesp

residencial)[7]. Por outro lado é ladeado por duas ruas de trânsito constante, porém não intenso, que ligam o centro da cidade à bairros da zona sul: a Araújo Leite e a Eng. Saint Martin. A sua localização entre essas duas ruas de movimento tende a favorecê-lo no sentido em que atrai novos usuários e não chega a comprometer a tranqüilidade de seu espaço interior.



Transferência da locomotiva para o Bosque da Comunidade (Arquivo: Rita de Cássia Negreiros)

São desenvolvidas uma série de atividades no local como aulas de ginástica e até dança de salão. Atividades culturais como apresentação de corais, orquestras, ballet também têm sido registradas.

Um novo projeto paisagístico poderia qualificar ainda mais esse espaço, com maior variedade de acabamentos de piso, abertura de algumas

[7] Pouco a pouco o lugar está sendo ocupado pelo comércio, que vem se instalando na Rua Araujo Leite.

clareiras, maior riqueza na utilização da vegetação (com o uso de outros extratos além das arbóreas e talvez enfatizando a organização espontânea do bosque com uma ordenação geométrica).

4.5.4. O Bosque do Geisel e o Bosque da Boa Vista

A adesão ao uso alcançada pelo Bosque da Comunidade acabou gerando outro exemplar bastante parecido, independente das diferenças de localização e das características sócio-econômicas da população do entorno: O Bosque do Geisel (Centro Recreativo Núcleo Presidente Geisel) e o Bosque da Boa Vista.

A ênfase dos dois está no uso de maciços de arbóreas como acontece no Bosque da Comunidade.

O Bosque do Geisel, situado num dos primeiros núcleos habitacionais da cidade, recebeu projeto da arquiteta Maria Helena Rigitano e conta com uma área de 4,0 ha numa topografia totalmente plana, estruturado com um campo de futebol, play-ground, uma horta comunitária e uma creche.

Mesmo numa tarde quente de um sábado de verão podemos encontrá-lo vazio.

Subsidiados pelo levantamento feito no capítulo anterior procuramos encontrar alguns aspectos que poderiam nos ajudar a identificar o porque da falta de interesse da população à esse espaço. Apesar da localização não ser ideal, pois estaria melhor localizada junto ao pequeno centro do bairro poucas quadras dali[8], não é tão desfavorável já que está

[8] Nesse centro encontramos um super mercado, um posto de saúde uma escola de primeiro grau, alem de uma biblioteca de bairro. Haveria um entorno melhor para a implantação de um pequeno parque?

unesp

situado em uma rua movimentada que é a atual ligação entre outros bairros periféricos, localizados além do Geisel com o centro da cidade.

Podemos identificar como um dos pontos negativos a fachada do parque que fica voltada para a rua por onde flui esse tráfego mais intenso e que mostra a horta comunitária, mal cuidada, e a creche.

Tal fachada não convida ao ingresso. Se o fator primordial que leva a utilização de um parque é a percepção de que há movimento e diversidade no seu interior, esse movimento e essa diversidade precisam estar visíveis para que, num círculo vicioso, atraiam mais pessoas e mais movimento.

Jacobs (1973) preconiza que as pessoas vão aos parques para ver outras pessoas, para divisar de um recanto o movimento da rua, e também para usufruir do frescor da vegetação. Mas pensar que apenas com a presença da vegetação possa se conseguir a atração ao lugar constitui-se num engano,

principalmente porque esta expectativa pode mudar dependendo da caracterização sócio-econômica da população a ser atendida.

O campo de futebol, o play-ground parecem-nos equipamentos adequados, mas que não conseguem atrair por eles mesmos a população.

O parque possui também outro aspecto que pode concorrer para torná-lo monótono que é a topografia absolutamente plana. O extrato arbustivo poderia ter sido usado com o objetivo de criar áreas diversificadas, mas com certeza a preocupação com a segurança do local foi um impedimento para se lançar mão de tal recurso.

O Bosque da Boa Vista não encontra-se totalmente implantado, existindo no local uma quadra poliesportiva e uma área para estacionamento. Não foram abertos caminhos.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Pelo fato da área ter sido uma erosão, aterrada com lixo orgânico, apresenta uma topografia bastante declivosa. Tem potencial físico interessante que pode vir a ser explorado.

4.5.5. Jardim Zoológico e Jardim Botânico

O Parque Ecológico Tenry Cidade Irmã com 367 ha, ainda em estruturação, conta com o Jardim Zoológico (já totalmente implantado) e com o Jardim Botânico (em implantação).



Zôo de Bauru (Arquivo: Eduardo Martins Cintra)

Pela sua localização e pela atração que exerce na população das cidades vizinhas podemos classificá-lo como parque de abrangência regional. De acordo com Magnoli (1996) um parque de abrangência sub-regional ou regional recebe tal denominação pelo tempo de permanência

...

de uso, que seria mais longo, assim se justificando pelos equipamentos e atrativos que oferece, onde o tempo de deslocamento (também mais longo) para desfrutá-lo teria pouca importância.

Foi o casuísmo e a intuição que levou o então prefeito Oswaldo Sbeghen a criar na Rodovia Jaú-Ipaussu (próximo ao trevo da Rodovia Marechal Rondon) o Jardim Zoológico.

Desde 1917 o poder público local vinha lutando contra a permanência de posseiros que em 1977 acabaram por ser retirados. A escolha do lugar para o zoológico (inaugurado em 1980) teve como objetivo evitar novas invasões e ao mesmo tempo recuperar a área que encontrava-se extremamente degradada. A escolha, casualmente correta, da localização e a carência de equipamentos de lazer na região fazem do zoológico um espaço muito solicitado principalmente aos finais de semana. Existem exemplos de muitos parques, como o Central Park de Nova York, o Parc da Ciudadella em Barcelona, o Regent's Park de Londres, entre outros, que possuem um jardim zoológico, demonstrando seu poder de atração.

Se a falta de planejamento não impediu que o local se transformasse em um espaço interessante, criou por outro lado pequenos problemas. Um deles é a acentuada declividade do percurso a ser percorrido ao longo do qual estão instaladas as jaulas e viveiros de animais, e o outro é a inadequada posição do traçado dos passeios, abertos pelo próprio Sbeghen, que obrigou o posicionamento da maioria dos viveiros e jaulas em situação imprópria para uma boa insolação.

O Zoológico de Bauru, além da exposição de animais, promove acantonamento ecológico, exposições, cursos como apicultura e aquariofilia, cursos de férias para crianças e adolescentes palestras e monitoramento de excursões que percorrem parte da mata nativa. A

unesp

freqüência varia conforme a época do ano, sendo mais procurado em meses de clima ameno. Possui uma média de 150.000 visitantes/ano.

Já o Jardim Botânico ainda está em implantação. Possui um viveiro de orquídeas, algumas trilhas abertas na mata e desenvolve pesquisa e produção de mudas de árvores nativas.

O sistema viário do parque parece improvisado não havendo uma articulação clara entre o Zôo e o Jardim Botânico. Outros recursos poderiam ser implementados como uma área para camping, maior número de trilhas, ciclovia e na possibilidade de um aporte maior de recursos até áreas representando as características fisiográficas de algumas regiões a exemplo do que está-se tentando implantar no Jardim Botânico de Curitiba e que também aparece no projeto vencedor para o Parque Ecológico Norte de Brasília. Desse modo seria ampliado o papel de educação ambiental que está implícito na denominação de parque ecológico. Na verdade os cursos e atividades, promovidos Centro de Educação Ambiental do Zôo/Bauru já desempenham esse papel, mas o potencial do parque e a carência da demanda está ainda acima do que se oferece.

unesp

5. Conclusão

Na primeira metodologia mostrada, de Kliass, temos alguns parâmetros importantes como a necessidade da articulação do sistema de áreas verdes em escalas e a preocupação com sua acessibilidade. Porém, de um modo geral, a proposta está imbuída de um funcionalismo exagerado esquecendo outros aspectos importantes. Identificamos em Kliass influência dos conceitos do movimento modernista e seu modo de organizar a cidade, o que é perfeitamente compreensível pois reflete o panorama dos anos em que seus trabalhos foram realizados.

A classificação dos padrões sociais parece supérflua pois é usada apenas para propor a restrição de parques de vizinhança para a população de nível sócio-econômico alto. Nos demais casos se aplica o procedimento de dividir a malha urbana em quadrados e inserir neles os parques com dimensões proporcionais ao total da população a ser atendida, independente do nível sócio-econômico.

O caráter extremamente rígido da proposta desconsidera atributos reais e potenciais do local de inserção da área verde. Consideramos que a área escolhida para receber o parque não pode simplesmente ser encontrada através de quadrados que se acomodam a topografia local e ao sistema viário. Particularidades e a dinâmica da vida do bairro ou da cidade devem ser consideradas. Visto por esse prisma o trabalho de Kliass funciona mais como uma metodologia de levantamento para a identificação de diversas áreas livres passíveis de uma intervenção. Temos

unesp

notícias, através de palestras e artigos da própria autora , que muitas dessas áreas identificadas como potencialmente interessantes para o estabelecimento de parques, acabaram recebendo um projeto em administrações posteriores.

Aplicada a Bauru, a proposta poderia organizar e distribuir melhor as áreas verdes como também permitiria visualizar como as dimensões da maioria das peças são insuficientes, porém nada garantiria que fossem usadas mais do que o são hoje. Isso se deve ao fato que não há nenhuma ressalva sobre a qualidade que o espaço deva ter para cumprir sua função ou sobre o caráter do seu entorno como o faz Jacobs (1973).

Contrapondo-se a essa maneira mais racional de organizar o espaço as intervenções de Barcelona basearam-se na apropriação de áreas disponíveis e na ênfase dada a qualidade formal dos mesmos. Através desses procedimentos pretendeu-se uma valorização geral da área onde o equipamento foi inserido. Em Bauru, semelhante postura poderia se tornar uma estratégia objetivando o adensamento de algumas regiões de modo a otimizar os serviços de infra-estrutura, na tentativa de resolver dessa maneira um dos maiores problemas da cidade que é o seu excessivo espraiamento decorrente de densidades baixas em função da ocupação horizontal e da existência de muitos vazios urbanos com fins especulativos.

Vimos no artigo de Busquets (1996) que esse tipo de estratégia se constituí na ótica da urbanística contemporânea. Essa estratégia é baseada na premissa de que pequenas intervenções usando-se equipamentos públicos permitem requalificação e valorização de bairros e as vezes de setores maiores da cidade.

unesp

O papel que as áreas verdes têm como equipamentos de embelezamento e renovação urbana é amplamente reconhecido. No decorrer da história da cidade moderna temos visto inúmeros exemplos no uso de parques e jardins como objetos preferidos nas intervenções que pretendem requalificar a cidade ou trechos dela. Desse modo devemos considerar que, ao mesmo tempo em que estamos propiciando um equipamento de lazer para a população, temos em mãos um "objeto" capaz de impulsionar algumas transformações urbanas. Caminhando dentro desse raciocínio podemos concluir também que a localização desses equipamentos é muito importante. Primeiro porque eles demandam um aporte considerável de recursos caso desejemos que tenham qualidade. Sua manutenção também é bastante cara, principalmente se considerarmos que não são equipamentos de primeira necessidade como um centro de saúde ou uma escola. Logo, é importante utilizá-lo em todo o seu potencial. Nesse aspecto sua localização é muito importante. Se implantarmos um pequeno parque próximo a um "centro" de bairro consolidado com lojas comerciais ou de serviços tenderemos a valorizar esse centro ainda mais e ao mesmo tempo dar ao lugar uma forte referência formal. Por outro lado, o parque também precisa de uma boa localização para que seja "divulgado" no sentido de ser mais usado. Devemos fazer uma ressalva: essas proposições se referem a parques de vizinhança ou de bairro. Para parques maiores as condicionantes são outras, já que estes podem oferecer outros tipos de equipamentos.

Concluímos, depois de observarmos as 28 praças selecionadas na cidade, que as pequenas áreas de atendimento as vizinhanças imediatas são espaços onerosos que não cumprem seu papel. Hoje, quando a televisão é uma grande opção para o lazer, pequenas praças gramadas e com algumas árvores não conseguem ser atraentes, por outro lado as manifestações

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

públicas em espaços livres são muito reduzidas. Calçadas largas e arborizadas supririam as necessidades de espaços para conversas e encontros entre vizinhos assim como lugar para brincadeiras infantis. Parques maiores atendendo ao bairro todo e até a bairros imediatos se justificam e devem oferecer qualidade.

Adentrando na discussão das qualidades formais, é fato reconhecido que as intervenções urbanísticas que visam a melhoria ou valorização de um bairro ou região, especialmente as muito degradas, tendem a propiciar a expulsão da população estabelecida. Essa preocupação fundamenta-se em experiências onde ocorreram transferência de situações indesejadas para além da área de intervenção. Esta é uma situação que ultrapassa questões urbanísticas sendo própria de um país com extremas disparidades sociais e econômicas, como acontece no Brasil. Todavia tal preocupação trouxe o reconhecimento da importância que a escolha dos equipamentos ou determinação do programa esteja em sintonia com as expectativas da população a ser atendida, de modo a minimizar a ocorrência de tal fato.

No capítulo que denominamos "Referências para análise" vimos a abordagem ambiental como uma outra alternativa para o estabelecimento das áreas verdes de recreação. Dentro dessa visão que considera as condicionantes ambientais, Constantino (1995) traz uma proposta de aproveitamento das áreas de fundo de vale para compor o sistema de áreas verdes de Bauru : "Quando se trata de fundos de vales, geralmente associa-se a áreas de nascentes, mananciais, mesmo pequenos córregos. No caso de Bauru, estas áreas estão completamente inseridas na malha urbana (...) A vocação natural dessas áreas são parques verdes onde se prevê o transbordamento natural nos períodos chuvosos e, quando não, áreas de lazer para a população." Constantino argumenta ainda: "Para

unesp

evitar o que acontece na maioria das cidades, onde adota-se um modelo de ocupação urbana que ignora a topografia do sítio, e permite o traçado de avenidas ao longo das linhas de drenagem, com o tamponamento dos fundos de vale e a construção de galerias pluviais subterrâneas, é hora de se estabelecer uma estratégia para utilizar as faixas de proteção ao longo dos córregos para criar parques e reservas de áreas verdes, privilegiando os moradores de diferentes setores da cidade, integrando estas áreas ao Sistema de Áreas Verdes. (Constantino, op. cit.)

A preservação de fundos-de-vales é questão da mais alta importância pois, ao contrário de outras áreas não existem critérios técnicos que garantam a integridade fisica dessas parcelas do território. No caso de vertentes, com cuidados na drenagem, no estabelecimento de traçados adequados para os arruamentos, conseguimos controle evitando uma possível degradação.

Por outro lado, se partíssemos hoje para a restruturação das áreas verdes de Bauru, muitos poucos trechos de fundos-de-vales se prestariam a parques de vizinhança ou jardins, já que seus entornos imediatos se constituem em áreas de baixas densidades e sem vida. Porém para parques maiores, caracterizados por Kliass como parques setoriais ou distritais, eles seriam perfeitamente adequados. Grandes parques, de 20 a 40 ha por exemplo, permitem a locação de equipamentos que funcionam como atrativos[9] para a população, prescindindo de uma localização imediata e dinâmica. A acessibilidade através do transporte público deve ser observada.

[9] A implantação de lagos, trilhas variadas, viveiros, lanchonete, etc.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Meca (1997) propõe adequadamente a utilização de uma área de fundo-de-vale e que também se constui como área residual da ferrovia junto a estação ferroviária central[10] para um centro esportivo.

Outras áreas sensíveis, do ponto de vista ambiental (do mesmo modo como os fundos-de-vales), podem receber projetos de parques de porte , e aqui em Bauru temos um exemplo conhecido que, no entanto, precisa se efetivar com um projeto mais adequado. É o caso do Parque das Nações que está estabelecido onde havia uma erosão. É relevante observar que a cidade tem absoluta carência de um parque entre a pequena escala (dos bosques, das praças) e da escala regional (o parque ecológico). Note-se também, que pelo seu porte, o município não comportaria mais que dois parques com essas dimensões.

Independente de uma utilização presente ou futura para parques públicos os fundos-de-vales devem ser considerados como áreas de preservação permanente e serem assim mantidos.

Finalizando, concluímos através da observação "in loco" que poucas das áreas existentes e chamadas de praças poderiam ser aproveitadas, em função de sua localização, tamanho e qualidade do entorno, para parque de bairro. Das 28 que visitamos apenas 2 estão desocupadas e possuem dimensões razoáveis para serem ocupadas, e mais duas poderiam receber projeto paisagístico caso se anexa-se a elas áreas a serem desapropriadas na vizinhança. A SEMA (Secretaria do Meio Ambiente) realiza projetos de plantação em áreas denominadas como praças que muitas vezes não passam de vazios, dispersando recursos que poderiam ser melhor aproveitados caso fossem acompanhados de um projeto paisagístico completo. Nesse sentido é importante que a prefeitura municipal através de órgão competente estabeleça um plano geral, para a

[10] A área fica situada junto a estação ferroviária, conhecida como pátio da estação.

unesp

efetivação de um real sistema de áreas verdes, objetivando canalizar esses esforços e angariar os benefícios que seriam decorrentes dessa ação. Esse plano poderia identificar áreas já disponíveis, áreas que poderiam ser desapropriadas além de estabelecer prioridades para implantação de modo a criar um sistema de áreas verdes articulado que objetivasse atender a população em sua carência de áreas verdes e que permitisse uma qualificação geral para a cidade.

6.Bibliografia

BARTALINE, Vladimir, ***Sintonias e Defasagens - Os Parques Públicos nos planos para São Paulo*** in Paisagem Ambiente Ensaios 7, (org. Silvio Soares Macedo), São Paulo, FAUUSP, 1995.

BAURU. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal de Planejamento. ***Plano Diretor de Bauru 1996:*** caderno de dados, levantamentos, diagnósticos, lei número 4.126/1996. Bauru, 1996.

BEGUIN, François, ***As Maquinarias Inglesas do Conforto***, in Espaço e Debates, Revista de Estudos Regionais e Urbanos, nº 34, Ano XI, 1991.

BRESCIANI, Maria Stella Martins, ***Londres e Paris no século XIX***, São Paulo, Brasiliense, 1984.

BUSQUETS, Joan, ***Nuevos fenómenos urbanos e nuevo tipo de proyeto urbanístico***. in ***Presente y Futuros. Arquitetura en las ciudades***, Barcelona, Comité d'Organizació del Congrés UIA Barcelona 96, 1996.

BUTTLAR, Adrian Von, ***Jardines del Classicismo y el Romanticismo***

Madrid, Editorial Nerea, 1993.

CAVAGUTI, Nariaqui. ***Análise Global da Erosão Linear na Área Urbana de Bauru-SP***, in "5° Simpósio Nacional de Controle de Erosão". Bauru, Anais- 1995.

CAVALERA, Silvia (org.) ***Barcelona, espacio público***. Barcelona, Ajuntament de Barcelona, Regidoria d'Edicions i Publicacions, 1993.

CAVALHEIRO, Felisberto. ***Áreas verdes: conceitos, objetivos e diretrizes para o planejamento.*** In ANAIS do I Congresso Brasileiro sobre Arborização Urbana. IV Encontro Nacional sobre Arborização Urbana, Vitória, s/ed., 1992.

CHADWICK, George, ***The Park and the Town***, London, The Architectural Press, 1964.

CONSTANTINO, Norma Truppel, ***Sistema de Áreas Verdes para a cidade de Bauru***, Dissertação de Mestrado, FAAC, Unesp, Bauru, 1995.

CORREA, Federico; CAPELLA, Juli. ***Arquitetura a Catalunya: l'era democrática - 1977-1996***, Barcelona, Generalitat de Catalunya, Departament de Cultura - Direcció General del Patrimonio Cultural, 1995.

FARRANDO, Jordi, ***Plazas, jardines, plazas-jardin: El problema de los nombres, los usos, las funciones y las formas.*** in ***Barcelona, espacio público***, Barcelona, Ajuntament de Barcelona, Regidoria d'Edicions i Publicacions, 1993.

FRAMPTON, Kenneth, ***1977-1996 Resum dúna edat d'or*** in ***Arquitectura a Catalunya, l'era democràtica 1977-1996***, Barcelona, Generalitat de Catalunya, Departament de Cultura, Direció General del Patrimonio Cultural, 1995.

FRANCO, Maria de Assunção Ribeiro, ***Desenho Ambiental, Uma***

Introdução à Arquitetura da Paisagem com o Paradigma Ecológico. São Paulo: Annablume, 1997.

GABANCHO, Patrícia, FREIXA, Ferran. ***La Conquesta del Verd - Els Parcs i Els Jardins de Barcelona.*** Barcelona, Ajuntament de Barcelona, Regidoria d'Edicions i Publicacions, 1995.

GHIRARDELLO, Nilson, ***Aspectos do Direcionamento Urbano da Cidade de Bauru***, São Paulo - Dissertação de mestrado apresentada à USP - Escola de Engenharia de São Carlos, 1992.

GOMBRICH, E. H., ***Norma y Forma***, Madrid, Alianza Ed., 1985.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto, ***Os (Des)caminhos do meio ambiente.*** São Paulo: Contexto, 1993.

GOYA, Claudio Roberto y. ***Levantamento sistemático das áreas públicas livres de edificação e padrões de urbanização na cidade de Bauru.*** Rio Claro, Departamento de Geografia do Instituto de Geociências e Ciências Exatas da UNESP, 1990.

HOWARD, Ebenezer, ***Cidades-Jardins de Amanhã.*** São Paulo, Hucitec, 1996.

IPMet: ***Um estudo do clima de Bauru: algumas considerações sinóticas.*** Bauru, IPMet, 1974.

JACOBS, Jane. ***Muerte y vida de las grandes ciudades.*** Madrid, Ediciones Península, 1973.

JELLICOE, Geoffrey and Susan, ***The Landscape of Man, shaping the environmente from prehistory to the present day***. London, Thames and Hudson Ltd, 1995.

JOEST, Thomas von, ***Haussmann's Paris: A Green Metropolis?*** in The History of Garden Design , edited by Mosser, Monique and Teyssot, Georges, London, Thames and Hudson, 1991.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

KLIASS, Rosa Grena et alii. ***Áreas Verdes de Recreação.*** Município de São Paulo, 1967. - n.p.

KLIASS, Rosa Grena,KFOURI, Jamil José, OLIVEIRA, Vanusa Maria. ***Áreas Verdes e Espaços abertos.*** Município de Salvador, 1978 n.p.

KLIASS, Rosa, ***Parques Urbanos de São Paulo***, São Paulo, Editora Pini, 1993.

KLIASS, Rosa, KFOURI, Jamil José, OLIVEIRA, Vanusa Maria Pinto. ***Estudos de Áreas Verdes e Espaços Abertos*** in Cadernos Brasileiros de Arquitetura, Paisagismo, Volume 5, Projeto Editores Associados Ltda. São Paulo, 1978.

LAMAS, José Ressano Garcia, ***Morfologia Urbana e desenho da cidade***, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

LAUGIER, Marc- Antoine: ***Sobre o embelezamento das cidades e Sobre o embelezamento dos jardins***, in: *Essai sur L'Architecture e Obsevations sur L'Architecture*, edição facsimilar da edição de Paris de 1755, Ed. Pierre Mardaga, Bruxelas, 1979, tradução: Ivone Salgado.

LAURIE, Michael, ***Introdución a la arquitectura de la paisaje***, Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1983.

MAGNOLI, Miranda Martinelli, ***Espaços Livres e Urbanização***, São Paulo, Tese de Livre Docência apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1982.

MAGNOLI, Miranda Martinelli, ***O Parque no Desenho Urbano***. Anais do II SEDUR, São Paulo, Pini, 1986.

MAGNOLI, Mirada Martinelli. ***O Jardim na Cidade é um Fragmento de Sonho***, Anais do II Enepea, São Paulo, Unimarco Editora, 1996.

MARIANO, Cássia Regina, ***Parques Metropolitanos de São Paulo: Subsídios para o desenho***. São Paulo, Dissertação de

Mestrado - FAUUSP, 1992.

MARX, Murillo, ***Cidade Brasileira***, São Paulo, Melhoramentos, Editora da Universidade de São Paulo,1980.

McHARG, Ian. ***Design with nature***. N. York, The Natural History Press, 1971

MECA, Maria Tereza Martha de Pinho. ***As áreas residuais das ferrovias: o caso de Bauru. Estudo de aproveitamento para um sistema de áreas verdes.*** São Carlos, Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade de São Paulo, Escola de Engenharia de São Carlos, 1997.

MECA, Maria Tereza Martha de Pinho. ***Análise do desempenho térmico da Praça Rui Barbosa.*** São Carlos, monografia, Universidade de São Paulo, Escola de Engenharia de São Carlos, 1991.

MORRIS, A. E. J., ***História de la forma urbana***, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, 1984.

MORSE, Richard, ***Formação Histórica de São Paulo***. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1970.

MOSSER, Monique and TEYSSOT, Georges. ***The History of Garden Design.*** London, Thames and Hudson, 1991.

PANZINI, Franco, ***Natureza e Arte Cívica***, São Paulo, Revista Projeto Outubro, 1995.

PEVSNER, Nikolaus, ***Estudos sobre Arte, Arquitetura e Diseño***.Barcelona, Gustavo Gili, 1983.

SALGADO, Ivone. ***Origens do pensamento racional sobre a cidade.*** PUCCAMP, São Paulo, 1995. Apostila.

SANDEVILLE, Euler; LIMA, Catharina Cordeiro, ***Desafios do Paisagismo Contemporâneo Brasileiro***, São Paulo, Revista AU, Ano 12, n°. 75, 1998.

SANTOS, Milton. ***Urbanização Desigual: a especificidade do fenômeno urbano em países subdesenvolvidos***. Petropólis, Editora Vozes, 1982.

SUTHERLAND Lyall, ***Landscape, Diseño del espacio público, Parques, Plazas, Jardines***. Barcelona, Editorial Gustavo Gili, 1991.

SEGAWA, Hugo, ***Ao Amor do Público***, São Paulo, Tese de Doutorado apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1994.

SILVA, Kleber Pinto, ***Considerações sobre a Cidade Paulista e a Saúde: Práticas, Concepções*** in Cadernos de Arquitetura/ Departamento de Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo, Bauru FAAC, Unesp, 1996.

SITTE, Camillo, ***A Construção Da Cidade Segundo Seus Princípios Artísticos***, São Paulo, Editora Ática S.A., 1992.

THE FRIENDS OF BATTERSEA PARK, ***Battersea Park, an illustred history,*** London, Battley Brothers, 1993.

VENTURA, Vanderlei Jose; RAMBELLI, Ana Maria, ***Legislação Federal sobre o meio ambiente***, Taubaté, Editora Vana Ltda, 1996

VIDLER, A., ***Los scenários de la calle: transformaciones del ideal y de la realidad,*** in Calles- *Problemas de Estructura y Diseño*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, 1981.

WENZEL, Gerd, (org.) ***Os frutos da Terra***, São Paulo, Marprint, 1988.

VALENZUELA, José. (Dir. Téc.) ***O jardín romántico en Inglaterra***, in Secuencias de Arquitetura e Construción, Jardines 5, Año X, número 9 - Marzo, Abril, Madrid, EFI, 1995.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

0810000771